



BRASIL AGORA



ANO II Nº 38

3 A 16 DE MAIO DE 1993

CR\$ 35.000,00



Pacote tenta criar terceira via da sucessão
PÁGINA 6



Caravana de Lula já deu resultados
PÁGINA 3



Entrevista exclusiva com um vereador de Moscou
PÁGINAS 14 E 15



O ESCÂNDALO DA PRIVATIZAÇÃO

*A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) virou instrumento de uma grande negociata denunciada pelo jornalista **Luís Nassif**, colunista da **Folha de S. Paulo** e diretor da agência **Dinheiro Vivo**. Nassif está sendo processado pelo presidente Itamar.*

PÁGINAS 7, 8, 9 E 10

SEM VÍCIOS

Somos leitores do jornal e gostamos muito. No entanto gostaríamos de fazer algumas críticas. Por que falar em inglês, aqui no Brasil? Será que não temos um idioma? Em vez de *box*, porque não escrever quadro? Em vez de *impeachment* poderíamos dizer cassação ou impedimento.

Se alguém acha que é "chique" falar palavras em inglês dirigindo-se a brasileiros, nós achamos vergonhoso. O inglês é o idioma dos nossos opressores, lembrem?

Nós sofremos no nosso país uma dominação política, econômica e cultural bestial de todo o bloco imperialista, principalmente dos EUA. Nós não temos mais personalidade, cultura própria?

Alguém sabe o que quer dizer *jocana* em tupi-guarani?! Se pelo menos neste jornal nós tentarmos eliminar os vícios de linguagem, estaremos contribuindo para uma conscientização.

Outra coisa: enquanto o companheiro Lula e outros estão fazendo turismo pelo Brasil, seria bom que lessem *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano.

É sempre bom lembrar que se Lula chegou onde chegou foi por apoio popular. Na última eleição, ele teve cerca de 50% dos votos do povo. Se tivesse ficado do lado do povo brasileiro depois disto, participando junto com a base, hoje teria 75 ou 80% de aderência. Mas não, ele está procurando apoio lá em cima, fazendo reuniões secretas com a cúpula da máfia paulistana. Resultado: a máfia é falsa e traiadora e deve estar enrolando ele direitinho. Enquanto isto ele perde apoio popular.

BONA CARRARA
São Paulo, SP

COTA MASCULINA

O V Encontro de Vereadores do PT paraibano revelou um dado no mínimo curioso. Em Nova Palmeira, cidade de 5 mil habitantes localizada a 200 Km de João Pessoa, o diretório municipal do PT e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais são compostos exclusivamente por mulheres. Estão achando muito? Tem mais. Dos nove integrantes da Câmara de Vereadores local, cinco são mulheres.

Maria de Lourdes, 30, primeira vereadora do PT na cidade, diz em tom de brincadeira que o primeiro Congresso do PT já está ultrapassado. E afirmou: "Aqui já estamos pensando em adotar a cota mínima de 30% de participação nas instâncias do partido, para os homens". Segundo Maria de Lourdes, este domínio avassalador das mulheres no PT não está restrito ao Sindicato e à Câmara Municipal. "A participação da mulher - continua ela -, embora não tão exagerada quanto nestes casos citados, é marcante em todos os movimentos sociais."

MILTON VANDERLEY
Patos, PB

QUE BARRIGA

Tive a ingrata surpresa de ler no jornal *Brasil Agora* nº 36 a matéria "Vem aí a Central Sindical

CHAPLIN, GARRINCHA E AGORA O CANTINFLAS. O MUNDO FICA CADA VEZ MENOS TORTO E CADA VEZ MAIS CHATO!



DIRETOR: JOÃO MACHADO. **EDITOR:** JOSÉ AMÉRICO DIAS. **EDITOR DE ARTE:** CACO BISOL. **REDAÇÃO:** ANTONIO MARTINS, FLÁVIO AGUIAR, HAMILTON CARDOSO, MOUZAR BENEDITO, VALTER POMAR. **SECRETÁRIA:** ADÉLIA CHAGAS. **SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL:** LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA e MARCO ANTONIO SCHUSTER. **COPIESQUE E REVISÃO:** CELSO CRUZ. **DIGITAÇÃO:** ELIZABETE D. DA SILVA. **EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:** JOTA MARANHÃO e FABIANO CIAMBRA. **PRODUÇÃO GRÁFICA:** FABIANO CIAMBRA. **COLABORADORES:** ALAN RODRIGUES, ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, CLOVIS CASTRO, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLUS, CÍNTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EDMILSON DE SOUZA, ELIANA ALVES DE MORAES, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MAUÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, FLÁVIO PACHALSKI, GENARO URSO, HELIO SILVA, HUGO SCOTTE, IVAN SEIXAS, ISAAC AKCELRUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ ROCHA, JUAN PEZZUTTO, JUAREZ GUIMARAES, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, MANOEL ALVAREZ, MÁRCIA BRAGA, MÁRCIA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSKIND, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, MILTON FOGO, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, NORMA SUELI O. REIS, NORA NAPOLI, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNILLIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAUMUNDO

BRASIL AGORA

PEREIRA, ROGÉRIO SOTTILU, RUI FAICÃO, RUTH BUENO DE ARAUJO, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GLETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO(SP). FONES: 222.6318/222.4326/220.7718. FAX: (011)222.2865. **ADMINISTRAÇÃO:** M^{te} ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO(COORDENAÇÃO GERAL):** MARIA ODETE G. DE CARVALHO, JOSÉ LUIS NADAI. **GERENTE DE DESENVOLVIMENTO:** PAULO M. SOLDANO. **GERENTE DE MARKETING:** ÉDER DE ARAUJO SANTOS. **ASSINATURAS:** ANA MARIA ALVES, GUIBA GENESTRA (DIGITAÇÃO), PAULO E. SOLDANO, MÔNICA MENDES MARTINS, ANA CLÁUDIA F. GONCALVES, REINALDO LAFORDYA, ELIZABETE BERNARDO (RIO DE JANEIRO 021-222.4818), JOSÉ VITAL(FORTALEZA 085-252.1992), MOISÉS BALESTRO (PORTO ALEGRE 051-2217733), JOSÉ MARIA R. DE SOUZA FILHO (BELÉM 091-224.8579), ANTONIO DE PÁDUA BORGES (CEBOLA) (BELO HORIZONTE 031-222.3811). **EXPEDIENTE:** JOÃO A. GUEVARA. **SERVIÇOS GERAIS:** ELISLANDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, LUCIENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. **IMPRESSÃO:** DIÁRIO DE MOGI. **DISTRIBUIÇÃO:** DINAP S/A. **TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 29 DE ABRIL DE 1993. **JORNALISTA RESPONSÁVEL:** JOSÉ AMÉRICO DIAS



UM RACISTA NO RIO

A cada dia que passa os cidadãos do Rio de Janeiro ficam conhecendo novas facetas do prefeito César Maia. Ele acorda pensando numa forma de aparecer na "santificada" mídia. Maia não mede palavras, nem tem a noção do ridículo. Em pouco mais de três meses de administração (?), já não é tão difícil fazer um perfil desse desastrado e egocêntrico político. Trata-se de um Collor carioca, provinciano e afeito a "jogadas" de politicalha. Cercou-se de gente suspeita como, por exemplo, o secretário de Obras, Márcio Fortes, filho de um especulador e, segundo denúncias, especialista em "caixa dois".

O líder de Maia na Câmara Municipal é um tal de Wilson Leite Passos, do extinto PDS, atual PPR. Extremista de direita, adepto da teoria de uma "raça superior", sua indicação provocou inclusive protestos da Federação Israelita do Rio de Janeiro.

Possivelmente aconselhado por seu vereador preferido, César Maia fez declarações racistas e preconceituosas em relação à comunidade africana. Investiu contra os angolanos que vivem no Rio, exigiu que eles fossem submetidos ao teste HIV. Ao melhor estilo Jean-Marie Le Pen (político francês, racista de extrema-direita, que tem pregado contra imigrantes africanos e árabes), o prefeito carioca disse que já havia demasiado angolanos residindo na cidade, e que eles deveriam ser submetidos a exames para saber se eram portadores de Aids.

É um dever dos cariocas investir contra o prefeito, um racista que governa a cidade fazendo marketing e pensando em jogadas mais altas no cenário político nacional. O Rio de Janeiro não tem nada a ver com o senhor César Le Pen Maia.

MÁRIO AUGUSTO JAKOBSKIND,
do Rio de Janeiro

Nacional", assinada por Hamilton Cardoso (diga-se de passagem que gostei da matéria, exceto no que me toca.

Há o seguinte trecho: "Durante os últimos anos várias posições permearam o debate: contra a sua criação, o Frei Betto argumentou que a Central poderia descharacterizar a riqueza da heterogeneidade do movimento popular".

Ora, desde de 1980 assessoro o INAMPOS e, a partir de 1989, a Pró-Central, que julgo imprescindível ao fortalecimento da nossa sociedade civil e à conquista de uma sociedade justa e soberana.

Tenho escrito inúmeros artigos em defesa da Central. Portanto, o texto acima é simplesmente absurdo. Mesmo porque eu nunca falei com o articulista

Hamilton Cardoso. De onde ele teria tirado tal barriga?

FREI BETTO,
São Paulo, SP

NÃO ESCLARECEU

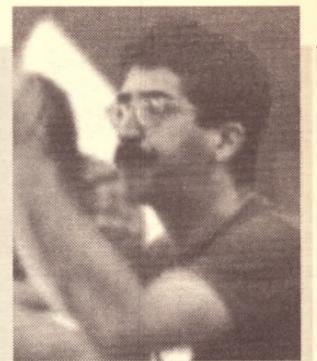
A matéria publicada no último *Brasil Agora*, sobre disputa interna na CUT, não esclarece a verdadeira situação que está se vivendo na Central a esse respeito, nem os projetos em disputa, além de passar uma imagem inexistente de que basicamente tudo seria continuidade do que foi o 4º Concut.

Uma das "novidades" da situação hoje é que as correntes internas da CUT, todas elas, vivem um quadro de crise profunda.

Por exemplo, a "Articulação Sindical" (na Executiva Nacional

da CUT, em congressos de ramos e em eleições sindicais) há meses vem expressando profundas divergências internas; a "CUT Pela Base" tem uma discussão pautada para maio, sobre seu futuro como corrente, a partir de tese sobre que divergem flagrantemente; a "Convergência Socialista" tem perdido aceleradamente espaços no movimento sindical, e anuncia que fará auto-crítica sobre sua trajetória na tentativa de se recompor etc. Estas e outras "novidades" deveriam ser tratadas pelo jornal para tentar entender o futuro da CUT. E como ninguém tem saudades do 4º Concut, ainda bem que nada será como antes...

GUSTAVO CODAS
São Paulo, SP



MEMÓRIA DE CELSO

"Escutai, pois! Se as estrelas se acendem é porque alguém precisa delas. É porque, em verdade, é indispensável que sobre os tetos, cada noite, uma única estrela, pelo menos, se alumie."
V. Maiakovski

Na noite do dia 5 de abril último, morreu de Aids em São Paulo, aos 39 anos, Celso Máximo de Figueiredo. Celso, para quem não o conheceu, foi uma das maiores lideranças estudantis da segunda metade dos anos 70, um período fundamental e ainda não escrito de nossa história. Eleito diretor da primeira gestão da UEE - União Estadual dos Estudantes, reconstruída em 1978, ele foi também um destacado dirigente do Sindicato dos Metroviários. Celso nos últimos tempos era secretário-geral da CUT regional São Paulo.

Estas poucas linhas situam mas não traduzem a importância que o Celso teve na rearticulação do movimento popular ao longo de quase duas décadas.

Quem teve o privilégio de vê-lo em ação jamais se esquecerá daquele baixinho elétrico que revirava qualquer assembléia de pernas para o ar, sempre cheio de propostas, com falas agudas e bem-humoradas. Dono de vastos bigodes à la Groucho Marx e de um olhar maroto, "Celso não se intimidava com nenhuma reunião ou adversário", lembra Alon Feuerwerker, seu contemporâneo de lutas estudantis.

Ao longo desses anos, Celso passou do PCdoB ao PT, fazendo uma breve escala no PCB. Culto, apreciador de jazz e literatura, sua atuação como secretário de formação sindical nos Metroviários pautou-se por alargar os estreitos horizontes corporativos e pensar o Metrô como parte de um todo que é o sistema de transportes da cidade de São Paulo. E foi além. Para ele, os trabalhadores deveriam pensar o mundo. Por isso, não se cansava de organizar os mais diversos debates e seminários, dos transportes à Guerra do Golfo.

Mas o forte do Celso era falar. Como agitador, teve poucos concorrentes. Talvez esta facilidade no trato da palavra e da organização do pensamento do qual ela é expressão o levasse a não esconder o mal que o afligia há alguns anos.

Celso sabia que enfrentava uma morte anunciada. Sua incessante atividade política, interrompida no seu auge, o ajudou a encarar seu infortúnio. Tornou-se disciplinado nos hábitos.

Ao encontrá-lo pela última vez há pouco mais de um ano, correndo no Parque do Piqueri no, Tatuapé, espantei-me com sua aparência saudável. Mais saudável que há quinze anos. "Estou me cuidando, almoçando e jantando na hora certa, dormindo bem. Nada daquela anarquia de outros tempos", disse.

Mas a corda não agüentou. Uma vez, Sérgio Porto escreveu que "quando um amigo morre leva um pouco da gente". Celso levou muito de nós. Mas tenho a impressão de que o que ele deixou é muito maior.

E é isso que dói.

MARINGONI
São Paulo, SP



OPINIÃO
JAQUES WAGNER*

Mecanismos da fome

Os números divulgados pela imprensa sobre a perda de grãos do estoque regulador do governo são um insulto ao estado de necessidade em que se encontra uma parcela significativa da população. Mas são também reveladores da existência de mecanismos que geram fome para a população e lucros para empresários que vivem à sombra de uma máquina estatal portadora de ineficiências maliciosas. Estão atualmente depositados em armazéns particulares, pagos pela

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento -, cerca de 3,5 mil toneladas de grãos absolutamente impróprios para o consumo. Este desperdício ocorre porque os armazenadores, muito influentes, não têm interesse em colocá-los no mercado porque, enquanto os grãos estão depositados, eles recebem por este serviço inútil.

Pela mesma razão, existem hoje 30 mil toneladas de grãos abaixo do padrão, que poderiam ser utilizados para a fabricação de ração animal. Mas a CONAB as mantém armazenadas, para a alegria dos armazenadores.

Estes mesmos armazenadores devem CONAB cerca de 3,5 trilhões de cruzeiros. A origem desta dívida é obscura, mas muito provavelmente ela se origina do desvio de grãos depositados, o que caracteriza apropriação indébita. A CONAB está executando judicialmente apenas um terço desta dívida. Sobre os outros dois terços ela sequer tem um controle preciso. Foi esta situação que levou o senhor Bianor Queiroz, diretor financeiro da CONAB, a afirmar que não existe vontade política para executar a dívida.

O senador Moisés Abrão (Tocantins), por exemplo, deve à CONAB, em valores atualizados, 110 bilhões de cruzeiros. Esta dívida já completou dez anos. O senador não paga e continua mantendo a confiança da CONAB. Tanto é assim que sua empresa, a SOALGO, neste momento, é fiel depositária de 80 mil toneladas de grãos do governo.

Outro mistério do mundo fabuloso do armazenamento de grãos atende pelo nome de contrato perda zero. Quando

instituiu este tipo de contrato, o governo procurava estabelecer dispositivos que eliminassem as perdas. Curiosamente, existem hoje armazenadores que estão arrependidos de terem assinado este tipo de contrato. Porque depois

que assinaram nunca mais receberam grãos para armazenar. Isto sugere que existem pessoas interessadas na manutenção das perdas.

É comum também a prática do governo arrendar seus armazéns a particulares por preços simbólicos e depois pagar caro pela utilização de um armazém que é seu. Esta é a feliz experiência empresarial de Hélio Mauro, ex-secretário da Educação do estado de Goiás, hoje armazenador em Marabá-PA. Ele ganha dinheiro alugando ao governo armazéns que pertencem ao próprio governo. É a isso que se pode chamar de apoteose da iniciativa privada. Este quadro de um Estado privatizado, completamente alheio a suas responsabilidades sociais, está na raiz da miséria crônica que martiriza a maioria do povo.

* JAQUES WAGNER é deputado federal do PT/BA

Enquanto a fome mata os brasileiros, 3,5 mil toneladas de grãos apodrecem nos armazéns do governo

OPINIÃO
HERBERT DE SOUZA*

O Titanic Brasil

Enquanto os 10% mais ricos bebem, comem e dançam na primeira classe do Titanic chamado Brasil, outros 90% vivem no aperto, na pobreza, na miséria absoluta. O grito de alerta já foi dado várias vezes e até agora o navio não mudou de rumo. A pobreza cresce neste percurso. A miséria tem agora números alarmantes. São 32 milhões de pessoas na indigência, metade no campo, metade nas cidades. No Nordeste, 10 milhões estão na indigência. Nos grandes centros urbanos, a miséria atinge proporções absurdas, criando um exército de miseráveis urbanos, que já chegam a 6% da população de São Paulo e 12% da do Rio de Janeiro.

Os números estão no Mapa da Fome, um documento elaborado pelo Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas). É a primeira vez em nossa história recente que a indigência é reconhecida, e em tais proporções. Temos uma população equivalente à da Argentina vivendo na indigência. Atrás de cada um destes 32 milhões existe uma pessoa, uma história, uma tragédia pessoal.

Mas a elite dominante insiste em cuidar de si. Repete a mesma ladainha de que o navio precisa é de estabilidade, de reformas, ajustes, todo o sacrifício para chegar ao porto seguro do primeiro mundo. Outra parcela da sociedade já toma consciência da tragédia e começa a se organizar na Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Comitês são criados no Rio, em São Paulo, em Brasília e em pequenas cidades como Barra do Piraí (RJ) e Lavras (MG). Esta é uma ação de cada cidadão que quer mudar o rumo deste país.

Finalmente, como explicar que o terceiro exportador mundial de alimentos

não alimenta seus próprios filhos? Como justificar que 20% da produção agrícola anual vai para o lixo? Que a nona economia mundial não tem dinheiro para merenda escolar? É difícil explicar e mais complicado mudar a direção deste Titanic. É uma ação essencialmente política e exige que governo e sociedade façam da fome e da miséria prioridade nacional.

O governo Itamar criou o Conselho Nacional de Segurança Alimentar a partir de uma sugestão do Lula. E reconheceu um estado de emergência social, dando prioridade absoluta à fome. O Conselho e uma ação mista entre o governo e a sociedade. Dele fazem parte sete ministérios (Fazenda, Planejamento, Trabalho, Bem-Estar Social, Saúde, Educação, Agricultura) e 21 representantes da sociedade, entre eles Dom Luciano Mendes de Almeida e Plínio de Arruda Sampaio.

Cabe à sociedade fiscalizar e orientar a ação do Conselho, dizer ao governo o que é preciso fazer e denunciar o que não estiver sendo feito. A ação governamental no campo emergencial e estrutural é de extrema importância. Quem tem fome tem pressa. Não podemos ficar no assistencialismo clássico, é preciso ter ações estruturais. Retomar o desenvolvimento, gerar empregos, dar dignidade.

Mas o Titanic precisa mostrar que tem uma tripulação que não quer afundar, que não quer navegar à deriva a caminho de um naufrágio sem volta para o quarto mundo. Só a efetiva participação da sociedade pode evitar isto.

Mas o Titanic precisa mostrar que tem uma tripulação que não quer afundar, que não quer navegar à deriva a caminho de um naufrágio sem volta para o quarto mundo. Só a efetiva participação da sociedade pode evitar isto.

Mas o Titanic precisa mostrar que tem uma tripulação que não quer afundar, que não quer navegar à deriva a caminho de um naufrágio sem volta para o quarto mundo. Só a efetiva participação da sociedade pode evitar isto.

* HERBERT DE SOUZA (Betinho) é sociólogo

Com 10% de ricos na primeira classe e 90% vivendo no aperto, o país pode naufragar para o quarto mundo.

CORRUPTOS VÃO CONTINUAR SOLTOS

Collor escapou da cadeia. Parece incrível mas é verdade. Ou, pelo menos, é o que aponta a decisão do Supremo Tribunal Federal, no dia 28 de abril, excluindo o ex-presidente e seus comparsas, PC Farias e Cláudio Vieira, entre eles, da acusação de formação de quadrilha. Serão processados só por corrupção. Prisão preventiva nem pensar. Mesmo que seja condenado por corrupção passiva, Collor tende a ser condenado pela pena mínima de um ano, já que é considerado réu primário. E se isso acontecer, poderá ser beneficiado com a suspensão da pena, de acordo com a praxe jurídica.

Que o Brasil não é a Itália, onde os corruptos, mesmo os figurões, estão indo para a cadeia, todos nós sabemos. Mas isso é demais! É

preciso que haja algum tipo de mobilização cívica para impedir que a lógica da decisão do Tribunal se concretize. A vitória de Collor neste julgamento é a derrota daqueles que saíram às ruas pelo impeachment e que lutaram sinceramente contra a impunidade no Brasil. Presente ao julgamento, o deputado José Dirceu (PT/SP), após conhecer a decisão dos juízes, propôs a criação de um órgão de controle do judiciário no Brasil. Mais do que urgente esta medida. Para impedir que tudo continue como sempre foi em nosso sofrido Brasil. E para que, como desta vez, não nos envergonhemos mais do que vão pensar de nós as gerações futuras.

O EDITOR

PLEBISCITO:

UMA DERROTA DAS ELITES

O plebiscito de 21 de abril, com a vitória do presidencialismo e da república, representou uma grave derrota política e ideológica das classes dominantes brasileiras. Números e mapas eleitorais não deixam dúvidas: os votos que garantiram a manutenção das eleições diretas para a chefia do governo vieram dos trabalhadores, dos setores populares. O parlamentarismo só ganhou entre os mais ricos.

60% do eleitorado decidiu participar ativamente do plebiscito, votando em alguma das propostas. Isto apesar do gigantesco esforço desmobilizador feito nas últimas semanas da campanha pelos principais veículos de comunicação e pela cúpula conservadora dos parlamentaristas.

Antes, quando achavam que iam ganhar fácil, vendiam o plebiscito como o santo remédio, a oitava maravilha do mundo. Era a mágica que ia mudar os destinos do Brasil. Quando perceberam que estavam irremediavelmente perdidos, mudaram rapidamente o discurso. Aí o plebiscito passou a ser desprezado, virou inutilidade, quase uma excessência. A intenção, mal-disfarçada, era esvaziar o resultado, atenuar a derrota.

Sem sucesso. A supremacia da república e do presidencialismo foi esmagadora. A monarquia (razão original da consulta) perdeu até para os votos em branco e para os nulos - que bateram nos 20%, uma manifestação a mais de repúdio às elites políticas.

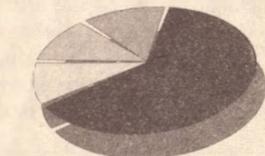
Dá mesmo o que pensar. Não houve campanha de rua nem boca-de-urna. Mesmo assim, a ampla maioria da população decidiu sair de casa e votar contra uma proposta que tinha o patrocínio de 99% das lideranças políticas, empresariais e sindicais.

Alguns dizem que o povo foi enganado por uma propaganda mentirosa. Bem, os parlamentaristas tiveram dois meses de tempo dobrado no rádio e na TV para rebater as "mentiras", e não conseguiram.

Por que não raciocinar sobre outra hipótese, mais favorável à esquerda? Por que não pensar que o povo trabalhador tenha dado nas urnas um grito de independência e inconformismo contra os políticos que dizem representá-lo e contra a crise em que afundaram o país?

GUILHERME CRUZ

FORMA DE GOVERNO*



República: 67
Monarquia: 10
Brancos: 10
Nulos: 10

SISTEMA DE GOVERNO*



Presidencialismo: 55
Parlamentarismo: 25
Brancos: 5
Nulos: 15

*(% sobre votantes)

Quando o júri de Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, absolveu na noite do dia 29

de março o fazendeiro Líbero Monteiro de Lima, acusado de ser o mandante do assassinato do líder indígena Guarani Marçal de Sousa, absolveu também uma política de destruição física e cultural da população indígena do estado. Integrada por 46 mil índios, ela é a segunda maior do país, composta por Guarani, Kaiowá, Terena, Kadiwéu, Ofayé-Xavante e Guató. Matar ou mandar matar lideranças indígenas, expulsar com o auxílio da polícia militar comunidades inteiras de suas terras, soltar o gado em suas roças ou queimá-las, utilizá-las como mão-de-obra escrava nas carvoarias e usinas de álcool, deixá-los morrer de subnutrição e sem assistência ou sob as patas de bois - tudo isso faz parte do *modus vivendis e operandis* da boçalidade da bovinocultura sulmatogrossense.

*Índia velha
Se lembra do cheiro verde
Na fonte limpa
Onde se matava a sede
Água boa de beber*

Os índios Guarani são os habitantes nativos mais numerosos do Mato Grosso do Sul. Há mais de dois mil anos, seus territórios se estendiam pelo Brasil, Bolívia, Paraguai. Hoje, seus remanescentes ocupam o sul e o centro-oeste do estado, regiões que fazem fronteira com o Paraguai, ocupadas por latifúndios.

*Índia velha, se lembra
Do primeiro, do segundo
Do terceiro branco
Que chegou, se lembra?*

Com a chegada da colonização os índios foram retirados de seus territórios e amontoados em "reservas", enquanto suas terras iam sendo vendidas ou doadas a grandes fazendeiros. Estes, ao se depararem com aldeias, usavam da violência, destruindo e matando comunidades inteiras. Esse processo ainda se repete, os índios continuam sendo retirados de suas terras e despejados em outras áreas ou no Paraguai. Com a resistência das comunidades, instala-se o conflito com os fazendeiros. Os treze conflitos existentes envolvem, em sua maioria, comunidades Guarani e os mais dramáticos têm sido nas áreas de Sete Cerros, Guasuty, Jaguary, Jaguapiré e envolvem os fazendeiros Constâncio de Almeida, José Fuentes Ro-

FOME, É UMA COISA QUE A CLASSE AÇA E A MEDIA CONFUNDE COM APETITE!



Í N D Í O S

O holocausto Guarani

No coração do Brasil, a cobiça e a mentira dos brancos destróem progressivamente um povo.

mero e Otávio Junqueira Leite de Moraes. Eles promoveram despejos das comunidades com o apoio do senador Rachid Saldanha Derzi, do PFL - uma das testemunhas de defesa de Líbero Monteiro -, e seu filho Flávio Derzi, deputado federal.

Além de Saldanha Derzi, tradicional fazendeiro no estado, outros políticos e famílias ligadas a eles estão direta ou indiretamente envolvidas com a violência contra os povos indígenas: a família Bagordache, na aldeia Panambizinho; Líbero Monteiro, na Aldeia Pirakuá; o senador Levy Dias, do PPR; o deputado federal Elisio Curvo, membro da tropa de choque de Collor de Mello e líder do PRN; e ainda o deputado estadual Alberto Rondon, do PST, ligado aos Derzi. Eles são denunciados pelos próprios índios, segundo o Conselho Indigenista Missionário - CIMI, de aliciar lideranças com o oferecimento de dinheiro, promovendo assim o enfraquecimento de suas organizações, além de apoiar e promover despejos.

*Índia velha, se lembra
Quando andava nua
Olha a cor de seu vestido
Encardido
Quando andava pelas ruas
Se lembra dos pés descalços
Olha a cor de seus sapatos
Pisando asfalto e areia*

Com a destruição de suas matas e a expulsão de suas aldeias, que cederam espaço para a pecuária e agricultura

modernas, os Guarani foram transformados em mão-de-obra escrava nas usinas de álcool, carvoarias e fazendas da região, onde muitas vezes a própria Funai faz as vezes de "gato", empreiteiro da mão-de-obra dos indígenas. Cerca de sete mil índios vivem desaldeados, perambulando nas fazendas em busca de emprego, nas beiras de estradas, vendo suas filhas sendo transformadas em empregadas domésticas ou levadas à prostituição. Mendigando nas cidades e vendendo seu artesanato já descaracterizado, para depois se entregarem à bebida nos bolichos, ou serem arregimentados pelas seitas pentecostais ou a seita Moon.

*Índia velha, se lembra
Tantos brancos que
chegaram, tantos
Que perdeste as contas
E as contas de teus colares
É tão grande a dor que sente
O amor de tua gente foi
junto ao rio
Por onde os brancos
chegaram
Se lembra?*

No dia dez, Sábado de Aleluia, Zuleide Martins Filho, de 18 anos, da Aldeia de Dourados, saiu cedo de casa para lavar roupa no rio. Lá, ela escolheu a árvore mais alta e se enforcou com uma corda. No dia anterior, Sexta-feira Santa, ela estava triste e muito calada, disseram seus pais. Zuleide é mais uma índia a somar à estatística de suicídios

de jovens e adolescentes Guarani, principalmente da aldeia de Dourados, onde a situação é mais grave: alcoolismo, interferência de seitas, estupro, trabalho escravo que envolve também as crianças, falta de terras para a realização de sua cultura, a proximidade e a influência dos centros urbanos.

O suicídio dos Guarani é uma recusa a esta situação e um julgamento sobre o valor da vida. A morte voluntária é uma escolha deliberada de uma solução entre outras, como um gesto ético, referido a princípios e valores, segundo afirma um documento assinado pelo CIMI e pela Associação de Índios Desaldeados - Kaguatoca. Nos últimos três anos, mais de cem índios suicidaram-se, num ato dramático para fugir do holocausto.

No dia do julgamento do mandante da morte de Marçal, os Guarani rezavam e realizavam um ritual triste ao Deus Tupã. Sua tristeza não era apenas pela certeza de que o fazendeiro branco sairia dali impune. Na manhã daquele dia, antes de iniciar o julgamento, morria, em Dourados, o cacique Kaiowá (uma das tribos Guarani) Ireño Isnard, com mais de 120 anos, o último cacique legítimo dos Kaiowá e fundador da aldeia de Dourados. Ele morreu no seu "Tekoha", onde tinha aglutinado seu povo. Ireño trazia a lembrança da Guerra do Paraguai, da passagem de Rondon, quando obteve dele a promessa de que, se sua gente sobrevivesse, o governo do Brasil lhe daria um território.

Ele presenciou a chegada da civilização do branco, tomou chimarrão com Getúlio Vargas, que reforçou a promessa de terra, e viu crescer o Tupã-I-Marçal de Sousa. "Meu povo não morreu, mas as terras encolheram e o governo do Brasil não cumpriu a palavra", se queixava Ireño para os jornalistas que o procuravam.

No dia 11 de abril, todos os caciques e pajés instalaram o Atiguassu, a grande assembléia Guarani, em Caarapó, próximo a Dourados.

Foram três dias de reza e dança para o Deus Tupã, para ajudá-los na grande reunião a discutir os conflitos com os brancos, a continuidade da luta pela punição dos assassinos de Marçal, os suicídios dos jovens, a saúde, educação, a resistência. Enquanto isso, o governo do estado reunia lideranças indígenas para discutir a mudança do Estatuto dos Índios e outras leis que deverão ser debatidas na revisão constitucional. Não estavam na pauta os assuntos da grande assembléia Guarani. Já a imprensa destacava nas páginas policiais: "Mais um suicídio de índio"...

*Índia velha, se lembra
Os caciques e pajés
Os guerreiros de sua gente
Se lembra, eles nunca
Fugiram da luta.*

CÁCIA CORTEZ
(poesia de Emmanuel Marinho)

A *high society* aparenta muitas coisas, entre elas o gosto pela leitura. Um dos restaurantes mais freqüentados pela corte paulistana, o Leopoldo, ostenta uma incrementada biblioteca ao lado de um bar "chiquêrrimo". Pelo que tudo indica, o saber é regado a finíssimos drinques importados.

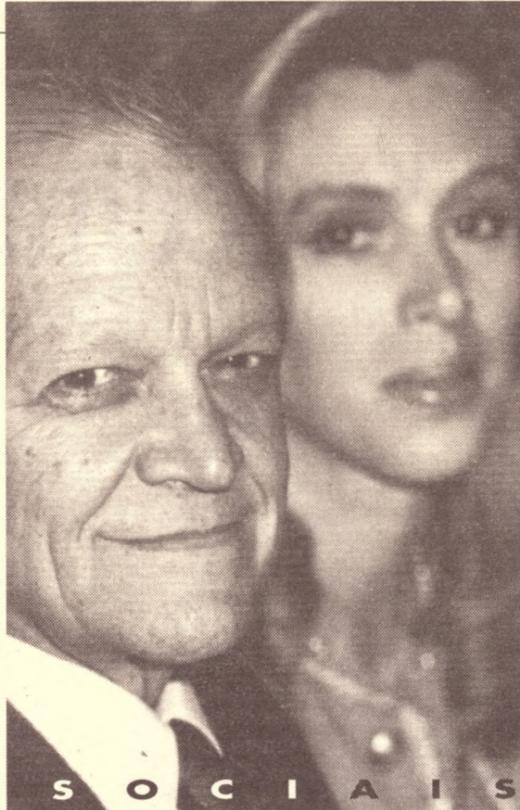
Mas isso é só o começo da esnobação dos tubarões brasileiros, a elite da elite, os 5% que controlam sozinhos um terço da renda nacional. Divulgado recentemente pela imprensa, o anuário do Instituto de Geografia e Estatística do IBGE não revela nada que olhos atentos não possam perceber no dia-a-dia. Apenas quantifica a maior concentração de renda da história do país. E ao mesmo tempo aponta o empobrecimento acelerado da população.

Esta mesma imprensa, porém, não cansa de badalar o perfil de um assíduo freguês da pista dançante de mármore do Leopoldo: o banqueiro e empreiteiro Olacyr de Moraes - sessentão taciturno, descobridor recente dos prazeres da vida ao lado de fantásticas moçoilas. Uns dançam, outros voam. Embora a maioria deles ainda tenha que fazer o "esforço" de ir ao trabalho com o próprio carro, 2% já atingiram o céu. Vão ao trabalho de helicóptero, segundo uma pesquisa do Instituto InterScience, divulgada pelo *Jornal do Brasil* em agosto de 1992.

O Leopoldo protege com doze seguranças gente famosa como Hebe Camargo, Ayrton Senna, Pelé, Pedro Collor e companhia, em plena zona nobre de São Paulo. Aliás, é uma demonstração de como gastar muito dinheiro em uma só noite. Um casal não se delicia com as bebidas importadas e pratos grã-finos por menos de quatro salários-mínimos.

Nada mal para um país onde 52,9% da população ganham até dois salários-mínimos e 300 mil crianças morrem de fome anualmente. No Brasil de João José de Araújo, o maitre da casa, não há crise: "70% do nosso público é fiel, recebemos 250 pessoas por noite". Araújo recomenda a reserva para não haver problemas na espera das mesas.

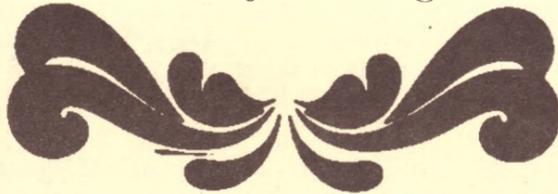
Ingenuidade pensar que apenas a barriga merece bons pratos e recheios. Seria pobre repetir um modelito. Para não correr o risco a opção é se vestir com grifes de qualidade. Na butique paulistana Daslu é fácil gastar. Uma calça de veludo custa 18 milhões e um vestido habillé varia de 700 a 1.500 dólares. Uma madame e sua filha levaram cinco horas para escolher o que lhes caiu melhor. O marido, após tomar dez cafezinhos, dois lanches, e ler um par de



MÁRIO FONTES/FOHIA IMAGEM

Beleza pura

A elite cria, em meio à miséria, um mundo à parte, de ostentação e breguice



jornais de trás para frente, ainda tinha ânimo para contar que deixava todos os meses mil dólares no caixa dessa loja. Quantia suficiente para, em seis meses, construir uma casa popular.

Este dinheiro não seria dispensado, caso entrasse em um dos um milhão de casebres das 3.221

favelas brasileiras, considerados domicílios pelos técnicos do IBGE. Cenário não só das capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife (onde 40% da população vivem em barracos), mas nos vários municípios pequenos de norte a sul.

Além da capital paulista ter o maior número de favelas (1.600), lidera também a venda de carrões importados. A Volvo, inclusive, anuncia seus belos possantes fazendo referência a uma das boates mais famosas: "Agora que o Gallery inteiro já tem um BMW e Mercedes, compre um Volvo. Tão caro quanto, mas muito mais exclusivo". Em março, dos 182 carros vendidos pela BMW, 78 foram na cidade, ao preço médio de 70 mil dólares. A gerente de marketing, Célia Monteiro, afirma que há um grande potencial a ser explorado: "Nós esperávamos vender 1.000 carros em 1993, porém já damos como certo dobrar as vendas".

Célia, ligada à super elite consumidora, certamente, nem pensa nos 10% mais pobres obrigados a ciscar 0,8% da riqueza e condenados a sobreviver debaixo das pontes. Segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas (Ipea), há cerca de 65 milhões de miseráveis. Metade deles, indigentes.

O coquetel está perfeito. Carros importados, restaurantes caríssimos e butiques deslumbrantes. Tudo cercadinho de seguranças, bem uniformizados e engomados. Só falta a notinha, caída do céu, na coluna social. Porém a eterna esquizofrenia de aparecer, ou não, traz embarços: o pânico de ser seqüestrado. A saída é gastar às escondidas no estrangeiro. Os requintados turistas brasileiros só perdem em gasto para os japoneses.

Nirlando Beirão, editor de *A Galeria de O Estado de S. Paulo*, satiriza: "O que se pode dizer de uma gente restrita a guetos, que prefere Miami a Nova York; Orlando, São Francisco?". O colunista compara as lideranças dos ricos e dos trabalhadores ao imaginar uma hipotética viagem à Ásia. "Essa elite mistura má-fé com ignorância e não consegue perceber que o Vicentinho aprenderia muito mais do que um dirigente da Fiesp numa visita, por exemplo, a Bangkok".

Contudo, a ignorância nem sempre é uma escolha do modo de ser e viver. No Brasil, em cada 100 alunos, apenas 22 completam o primeiro grau. Um dos motivos é a exploração da mão-de-obra infantil, que só perde para os haitianos e paraguaios. As crianças e adolescentes, na faixa dos 10 aos 17 anos, são 11,6% das pessoas ocupadas e 57% desta garotada ganham cerca de meio salário-mínimo.

ADÉLIA CHAGAS

IMPRENSA

Democracia, urgente

Comitês propõem, em todo o país, a Quinzena da informação democrática

Com freqüência atribuiu-se à imprensa o papel de revelar e denunciar. Recentemente o *impeachment* de Collor trouxe momentos gloriosos para a mídia. Entretanto, a crise da Manchete e sua devolução judicial aos Bloch evidenciam a permanência das oligarquias no seu controle. Cinco de maio é o dia mundial das comunicações. Aqui, devido a atuação do Fórum Nacional de

Democratização dos Meios de Comunicação, é possível comemorar esse dia com mais otimismo do que há um ano atrás. O projeto de Lei Informação Democrática, do deputado Zaire Rezende (PMDB), que prevê entre outros pontos o fim do monopólio e da multimídia, faz aniversário agora, e pode ser aprovado.

Entretanto, os 44 comitês de democratização pela comu-

nicação estão mobilizados para o lançamento da Quinzena Nacional da Lei de Informação Democrática. O objetivo é pressionar o Congresso Nacional e a Comissão de Ciência, Tecnologia e Informática.

"Vai ser um grande evento. A população hoje está muito mais alerta para a manipulação da imprensa", disse José Carlos Rocha, representante do Comitê de São Paulo no Fórum

e membro de sua Executiva. As 115 rádios da União Brasileira de Emissoras Católicas noticiarão a quinzena.

Além disto, um livreto será lançado pelo Vicariato Episcopal da Comunicação da Arquidiocese de São Paulo em 20 mil locais. Mas todos podem participar do apoio à Lei de Informação Democrática enviando *fax* para o presidente da Câmara, Inocêncio de Oliveira (PFL-

PE): (061)224.1289. E também para o relator na Câmara dos Deputados da Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática, deputado Pinheiro Landim (PMDB-CE): (061) 318.2636.

Maiores informações no Sindicato dos Radialistas de São Paulo, telefone (011)284-9877.

A.C.

ASSINE O BRASIL AGORA E VOE DE GRAÇA PARA CUBA

Fazendo uma assinatura de apoio do *Brasil Agora* em duas vezes, você ajuda a construir uma imprensa crítica e livre, e ainda concorre a uma viagem de uma semana a Cuba, incluindo passagem aérea, traslado de chegada e saída, visto, seguro de viagem e 6 diárias com meia pensão no Hotel Tuxpan, na maravilhosa praia de Varadero.



PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA, Alameda Glele, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 222.6318, 222.4326

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____ UF _____ CEP _____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 385.000,00
- Assinatura para o exterior (semestral) US\$ 30,00
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 760.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 1.200.000,00

ESTA PROMOÇÃO É VALIDA PARA ASSINATURAS DE APOIO FEITAS A PARTIR DE 21/01/93. SERÁ SORTEADA UMA VIAGEM NO 2º SORTEIO, DIA 07/06/93 NA SEDE DO JORNAL

Pacote "terceira via"

Programa econômico de Itamar é fachada para reorganizar governo e influir na sucessão

Faltando vinte e três meses para chegar ao fim do mandato, o presidente Itamar Franco fez dia 24 de abril seu lance político mais ousado. Anunciou a edição de um conjunto de iniciativas através das quais procura consolidar o perfil e os objetivos de seu governo, reorganizar sua base de sustentação parlamentar, viabilizar o fechamento de um acordo com o FMI e os credores externos e iniciar um movimento para influir na sucessão presidencial, à qual parecia assistir de forma passiva.

A iniciativa de Itamar equivale, acima de tudo, a uma tentativa de governar com base numa coalizão de forças de centro, e se possível participar da articulação que elas procuram promover para apresentar a chamada "terceira via" às eleições de 1994: um candidato capaz de enfrentar tanto Lula e Brizola quanto Maluf e Antônio Carlos Magalhães.

A preocupação de diferenciar-se tanto da esquerda quanto da direita apareceu já nos dois discursos com os quais Itamar anunciou o pacto. O presidente referiu-se mais uma vez a Tiradentes e à Batalha de Guararapes. Ameaçou verbalmente os credores do Estado: "Meu governo não permitirá mais a especulação financeira."

Em seguida, no entanto, defendeu a privatização da CSN e anunciou que o programa de venda de estatais prosseguirá, agora a galope

ELISEU, O SINCERO. Depois de Itamar falou Eliseu Resende. A imprensa destacou a segunda metade de seu pronunciamento, em que anunciou um conjunto de projetos para estimular quatro segmentos da economia. A Folha de S. Paulo chegou a dizer que as medidas "privilegiam o crescimento, e deixam de lado o combate à inflação".

Falta nesse tipo de interpretação, porém, a análise da primeira parte do discurso. Nele Eliseu lançou um programa ousado de privatizações, redução dos gastos públicos e pagamento das dívidas externa e interna, em moldes tipicamente neoliberais

O objetivo essencial, revela o ministro, é alcançar uma ampliação significativa do *superávit primário* (o que sobra da arrecadação tributária após as despesas com funcionalismo, custeio e investimentos estatais), e utilizar tais sobras para rolar as dívidas interna e externa

As custas de reduções brutais de despesas, e de um arrocho sem precedentes de salários do funcionalismo, o superávit

primário da União atingiu, em 1992, 3,3 bilhões de dólares, e os estados e municípios conseguiram outros 1,3 bilhões. As metas propostas por Eliseu Resende são quase três vezes mais draconianas: 6,8 bilhões de dólares de superávit da União, e US\$ 5,5 bi no caso dos estados e municípios.

SUPERPRIVATIZAÇÃO. Não é só. Para viabilizar a rolagem "não inflacionária" da dívida externa e interna o governo promete - mais uma vez - reduzir as taxas de juros e desfechar um esforço de combate à sonegação que seria capaz de elevar em 20% a arrecadação de impostos. Mas decide - de imediato - ampliar e acelerar o programa de privatizações de seu antecessor. Quer cumprir todo o calendário anterior de entrega de estatais. Deseja ainda vender "empresas de grande porte, nos setores de infra-estrutura de energia, comunicações, minas e metalurgia". Dentro dessa nova maré privatista, foram elencadas pelo ministro a "privatização total da Light e Ecelsa", distribuidores de energia elétrica no Rio e Espírito Santo; o envio ao Congresso de um projeto de lei que permite ao capital estrangeiro adquirir 100% das estatais; e a "solicitação ao Congresso Nacional para abertu-



ROBERTO JAIME/FOLHA IMAGEM

Eliseu fala da "vocaçao do Brasil"

ra de capital e alienação de ações de 'empresas não estratégicas'".

Ainda no capítulo referente às despesas públicas, o governo anunciou, como se previa, uma redução brutal nos gastos com custeio e investimentos dos ministérios, que serão reduzidos dos US\$ 25 bilhões previstos no orçamento para US\$ 13,2 bi. Comunicou também que forçará as estatais a reduzirem em 10% as já arrojadíssimas verbas de custeio.

Mas propôs, através de uma manobra hábil, o remanejamento completo dos gastos previstos no orçamento que o Congresso acaba de aprovar. É através desse expediente que foi possível apresentar como um conjunto de me-

didias voltado a "estimular setorialmente" a economia, um programa de forte redução dos investimentos públicos.

Beneficiados com o remanejamento de recursos retirados de outros programas, que não foram sequer explicitados à opinião pública, setores como agricultura, habitação, recuperação de estradas e o "programa energético" serão favorecidos.

O ministro, que fez questão de repisar o velho mote, segundo o qual "o Brasil é um país de grande voca-

ção rural", liberou 1 bilhão de dólares para os usineiros e destinou US\$ 2,6 bi para financiamento a habitações - mais da metade dos quais para quem tem renda superior a oito salários-mínimos. Já o "programa energético", visa "conferir ao setor condições propícias à participação do setor privado".

EUFORIA DO "CENTRO". As primeiras declarações das principais lideranças políticas revelam que o programa agradou especialmente os setores políticos "de centro", e confirmam a hipótese de que Itamar está certamente tentando rearticular sua base de sustentação - e o próprio ministério partir destas correntes.

Pouco antes de viajar a Nova York, na noite de sábado, o governador de São Paulo, Luiz Antonio Fleury, fez questão de afirmar que "o presidente não apresentou um simples plano econômico ao país, mas um verdadeiro programa de governo".

Horas depois da reunião ministerial, o governador do Ceará, Ciro Gomes (PSDB), se apressava em defender a concretização de uma mudança na equipe de governo. Previu, que o governo poderia obter facilmente 200 a 210 votos certos na Câmara, se montasse uma base de sustentação apoiada nas bancadas do PSDB, parte do PMDB, PSB, PPS, PTB, PP e "setores do PT".

Dois dias depois de anunciado o pacote, o presidente do PMDB Orestes Quércia, abandonou o cargo. Foi incapaz de resistir às pressões oriundas de outras forças e de setores de seu próprio partido, para que saísse de cena e desse lugar a um candidato de "centro", menos desgastado.

O principal líder do PPR, Paulo Maluf, foi cauteloso. Destacou como "principais pontos positivos" a prioridade à agricultura, a suposta redução dos juros do *over* e a queda das alíquotas de importação para equipamentos da indústria automobilística. Mas prometeu dar apenas um "crédito de confiança de 60 dias" ao programa, para "verificar se ele reduz o desemprego e o subemprego na Grande São Paulo".

Já o presidente do PT, Lula, prometeu articular uma reunião de partidos de esquerda, para adotar posição conjunta frente ao Plano Itamar. Ele destacou que o programa anunciado pelo presidente baseia-se essencialmente em intenções, e quando adota medidas concretas "repete a política de Collor", como no caso das privatizações.

ANTONIO MARTINS

Onde está a oposição?

O plano Itamar beneficia lobbies e agrada o "centro". E a esquerda cala-se.

A retórica neoliberal saiu de cena mas as linhas mestras do plano Itamar continuam a ser traçadas nos marcos da política neoliberal.

O plano, anunciado como anti-recessivo por investir mais de 2,2 bilhões de dólares em áreas prioritárias e multiplicadoras de emprego, prevê 8,3 bilhões de dólares adicionais para o pagamento de juros este ano.

Vencida as hesitações na primeira hora, o plano Itamar oferece, para alegria dos lobbies empresariais, a intenção de ampliar e acelerar o programa de privatização das estatais. Nem mesmo o escândalo recente da venda da CSN serviu de efeito moderador à linha privatizante do atual governo.

Em terceiro lugar, a intenção anunciada no discurso de Itamar, de intervir sobre a dinâmica especulativa do sistema financeiro, ficou reduzida ao ridículo: algumas horas depois, os seis maiores bancos brasileiros - as pre-

sumidas vítimas de tal intenção - participavam de uma reunião com o ministro Eliseu para "definir e precisar" o encaminhamento do Plano.

Poucas horas após, o Plano seguiu viagem em direção a Washington, nos braços do ministro Eliseu, para servir de roteiro na retomada das negociações com o FMI. Tal coincidência simboliza a evidência: Brasília continua monitorada pelos ditames neoliberais do FMI.

Em quinto lugar, o Plano Itamar continua capitulando frente à acelerada remarcação dos preços que os oligopólios vêm praticando. As "forças do mercado" continuam livres de qualquer controle ou monitoramento.

Escandalosamente antipopular em seus objetivos, em suas omissões e em seu método (o Plano não prevê nada, por exemplo, sobre os salários), o "pacote" de 24 de abril destina as migalhas aos projetos sociais. "Tudo pelo social", já cansamos de ouvir.



LUSCAR

PÁLIDA ESQUERDA. Fica cada vez mais evidente, assim, que a estabilidade do governo Itamar baseia-se menos em sua capacidade de agir sobre a crise do que na ausência de uma oposição ativa e operante.

JUAREZ GUIMARÃES

A REFORMA DO ITAMAR NÃO TEM PACOTE MAS QUE ESTAMOS SENDO EMBRUlhADOS, ESTAMOS!





C A P A

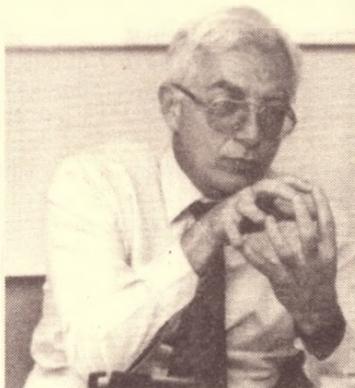
Campanha para desvaloriza-la, reuniões secretas, envolvimento sindical para legitimar o escândalo, muitos chamados e poucos escolhidos para integrar o sele-

to grupo de novos proprietários mas milhares de desempregados, com prejuízos incalculáveis para a cidade, atingida pela degradação ambiental e todo tipo de doenças. Afinal, o que aconteceu em Volta Redonda?

Esta é a história que você vai conhecer nas páginas 7, 8, 9 e 10. Uma mutreta milionária. Gente de alto e baixo escalão, burocratas do governo Collor, que continuam atacando e sindicalistas que não param de armar. Há muita podridão em Volta Redonda. As histórias são contadas com indignação.

Primeiro, os números. Se fosse montada hoje ela valeria 12 bilhões de dólares mas foi vendida por apenas 1 milhão de dólares. De quebra, os compradores ganham no IPTU de uma cidade que, segundo o prefeito Paulo César Baltazar, é praticamente sufocada pela empresa. Mas o mais bombástico são as tramas da privatização. Os detalhes são contados em entrevista exclusiva por Luiz Nassif, já processado pelo presidente Itamar Franco por causa das denúncias que fez da CSN.

CARLAO LIMEIRA/AE



Roberto Procópio Lima Netto, trambiqueiro que garfou a CSN

Maracutaia. S.f. Bras. Gír. *treita, mutreta, treita, rolo, manta, truta, cambiocó, negociação, negocinho, negociata, roubalheira, ladroagem, enrolada, batota, manganilha, mofrata, conto-do-vigário, passa-moleque, vigarice, perfídia, trama, trambique, impostura, ponchada, saque, conspirata, bolo, embuste, trapaça, trapaceada, papata, papada, comedeira, comedela, comedoria, umas, gatunagem, gateza, assalto, extorsão, seqüestro, engodo, engano, furto, roubo...*

MARACUTAIA NA CSN

A CIDADE FOI VENDIDA!

Assumimos em no primeiro dia de 1993 a imensa responsabilidade de administrar Volta Redonda, reconhecida como berço da industrialização brasileira, palco de importantes lutas de trabalhadores e de experiências progressistas de organização popular. A par disso tudo, e talvez até mesmo por isso, herdamos uma cidade vítima da maior ofensiva neoliberal que se tem notícia neste país, com administrações que primaram pela corrupção e pelo desrespeito aos mínimos direitos da cidadania.

Não somos, certamente, os únicos que encontramos um quadro arrasador neste país de tão tristes experiências negativas e desrespeito aos cidadãos. Mas somos talvez os únicos que, juntamente com este quadro, herdamos o peso da indefinição total do seu futuro enquanto cidade. Herdamos a privatização da CSN.

A privatização da CSN, é bom que se diga, significou de certa forma a venda da cidade. Somos uma cidade de 350 mil habitantes, com uma arrecadação que beira os US\$ 50 milhões e que convive com uma empresa como a CSN, encravada no seu centro urbano, que fatura US\$ 2 bilhões e que é proprietária da imensa maioria das terras urbanas disponíveis.

DÍVIDA SOCIAL. Há muitos anos Volta Redonda convive com os gigantismos e a prioridade absoluta da CSN na vida da cidade. Quando o movimento social levava suas reivindicações contra a agressão ambiental que sofriam por parte da empresa (que durante o regime militar era quem indicava os prefeitos da cidade), a resposta quase sempre era uma só: "Nessa cidade quem merece viver é a usina". Era o preço que pagávamos para poder continuar ofertando aço barato para a industrialização brasileira. Com isso acumulamos uma imensa dívida social. Os sucessivos planos de expansão da usina traziam para Volta Redonda milhares de trabalhadores que, uma vez terminada a expansão, não tinham para onde ir. Temos hoje cerca de 15 áreas de posse na cidade, fruto desse crescimento desordenado. Convivemos com uma degradação ambiental que provoca doenças de toda ordem na população, somos recordistas brasileiros em hipertensão arterial. A CSN tem um passivo ambiental que está orçado em US\$ 166 milhões e que foi apenas parcialmente equacionado nas discussões em torno da privatização da empresa.

Acumulamos hoje cerca de 20 mil desempregados, e a reestruturação da CSN após a privatização promete colocar mais 6 mil trabalhadores na rua. A violência na cidade aumenta em função do desemprego.

VERGONHA. Este quadro nos levou a questionar profundamente todo o processo de privatização da CSN, não apenas do ponto de vista da falta de ética, de transparência e de legalidade que envolveu todo o processo, como ficou claro nas inúmeras matérias publicadas pela grande imprensa, mas sobretudo pela concepção equivocada de que os "negócios do Estado" podem ser formulados em Brasília, desconhecendo a realidade concreta do município.

No caso da privatização da CSN, o Estado brasileiro sai pela porta dos fundos, envergonhado, deixando inúmeras mazelas que pesam sobre a cabeça de 350 mil pessoas que têm direito garantido constitucionalmente a um ambiente ecologicamente equilibrado. Essas foram as razões que nos moveram a entrar com liminar na Justiça exigindo, da parte da União, a reparação dos danos ambientais provocados pelo meio século de operação da usina na cidade.

PAULO CÉSAR BALTAZAR DA NÓBREGA
Prefeito de Volta Redonda

OS NÚMEROS DA MAMATA

A história da Companhia Siderúrgica Nacional - criada por Getúlio Vargas em 1941 para produzir chapas de aço, bobinas, flandres e perfis pesados - se mistura à história de Volta Redonda, cidade fluminense de 350 mil habitantes. Para equipar a cidade da usina, a siderúrgica construiu, com recursos próprios, hospital, escolas, hotéis, parques, clubes, fazendas, e comprou 75% das terras do município.

Com 52 anos, a CSN produz 4,5 mil toneladas de aço por ano, exporta 740 milhões de dólares, tem um faturamento anual de 1,6 bilhão de dólares, e teve um lucro líquido de 125 milhões de dólares em 1992.

Sob o calor dos altos fornos, das aciarias, coquearias, dos lingotamentos, trabalham 17 mil empregados (antes do processo de privatização eram 23 mil). Se a siderúrgica fosse montada hoje, seu parque custaria 12 bilhões e 600 milhões de dólares - conforme avaliação da empresa Jaakoopye. Com o desgaste, o valor cai para 5 bilhões e 600 milhões de dólares.

No tumultuado leilão de poucos compradores, a Companhia Siderúrgica Nacional foi vendida por 1 bilhão de dólares. As terras e os bens construídos na cidade não foram incorporados ao preço da venda. A estratégia criada por Roberto Procópio Lima Netto empossado como presidente da companhia no governo Collor, desempossado pelo governo Itamar e reimpossado após a privatização - deixou claro a intenção de aviltar o preço da empresa.

NA SURDINA. A campanha depreciativa nos meios de comunicação, para desvalorizar a empresa, as reuniões secretas, o fechamento do número de participantes no leilão, a participação ostensiva na eleição sindical, as irregularidades na compra das ações, a subestimação do preço da venda, foram alguns dos artifícios utilizados para concretizar a manobra. (veja entrevista nas págs. 8 e 9).

Até o convênio celebrado entre a administração passada, isentando a empresa de pagamento do IPTU e ISS durante três anos, em troca de algumas obras, que segundo Paulo Baltazar, prefeito de Volta Redonda (PSB), são de importância duvidosa, beneficia os compradores da siderúrgica. E Paulo Baltazar afirma que as demissões em massa trazem problemas para a cidade: "desmobiliza-se uma numerosa mão-de-obra e não se cria mecanismos para reaproveitá-la".

MARIA THEREZA AZEVEDO



ROBERTO JAYME/FOLHA IMAGEM

LUÍS NASSIF



NETS ANDREAS/OLYMPIA MAGNUM

Anterior do Procópio Lima Netto da presidência da CSN?

Foi isso mesmo: percebam que ele estava fazendo uma grande sacanagem. Teve uma reunião em Frankfurt com alguns grupos, em que ele disse assim: "Olha, eu só preciso de 20 milhões de dólares pra acabar de assumir o controle da companhia". O resto todo era dinheiro público, pô! Os 20% dos funcionários financiados em 12 anos, os 10% da Varig também são de dinheiro público, e o fundo de pensão dos funcionários também! Tudo dinheiro do BNDES. Então com os 20 milhões de dólares eles acabava de completar o esquema de controle. Daí o Ronaldo César Coelho, deputado do PSDB, denunciou. Isso motivou a queda do Roberto Procópio Lima Netto. Você pega os jornais da época, tem declarações do José de Castro e do Itamar contra o Roberto Procópio Lima Netto. De repente você chega em abril, vem a privatização e quem levou? Roberto Procópio Lima Netto, daquela mesma maneira... Daí eu fiz um artigo dizendo o seguinte: isso me permite, como cidadão, achar que o governo criou dificuldades pra vender facilidades. Não acusei o presidente frontalmente, mas disse isso: o presidente tem que mostrar agora que não está compactuando com isso. E a resposta dele, em vez de apurar a coisa, foi me processar.

Você não pode inverter isso e processá-lo, pelo que faz com o patrimônio público?

Não. Tem uma CPI que surgiu que vai apurar isso tudo. Agora, a questão é a seguinte: eu acho que o presidente é honesto, agora, é estúpido. Tão estúpido que se envolveu completamente com essa coisa, deu guarida pra todas essas sacanagens. Sendo honesto ou desonesto, o prejuízo está feito.

O Nassif, na CSN ou nas outras privatizações, o que a gente vê aí é uma ansia pra entregar todo o patrimônio público aos grupos capitalistas... Não está acontecendo algo assim?

Bem, a gente falou da CSN, vamos falar de todo o processo de privatização. Houve uma sacanagem muito sofisticada, e como era sofisticada passou meio despercebida. O que é importante numa privatização? É privatizar a gestão. Se tem uma gestão estatal, amarrada, tem muita ingerência política, é sempre por aí. O valor de uma companhia tem três saltos, no valor de uma estatal. Uma estatal cheia de ingerências políticas, o valor é X. Se eu pego essa companhia e faço um ajuste rápido - um ajuste bem feito:

reestruturo o funcionamento dela, reorganizo administrativamente - dá um salto no preço. Se eu pego essa empresa, privatizo, coloco ações em bolsa, dá outro salto no preço.

Então a grande briga que a gente tem é essa. O governo não tem recursos pra questões sociais, não tem recursos pra resolver a questão da Previdência. Então o que se tem que fazer é o seguinte: pega a privatização e permita que essa valorização das ações seja apropriada para isso. Se a empresa valoriza, parte desse dinheiro tem que ser usado pra resolver essa dívida social do governo. E o que o BNDES fez? Toda a estrutura do BNDES foi pra transferir essa valorização para investidores privados. Isso se dava de várias maneiras. De um lado, a questão da moeda podre. Você pode dizer: são títulos do governo, ora, e o governo não pode dizer que seus títulos são podres, então não é moeda podre. Se a dívida é do governo, ele tem que pagar, é uma questão de dignidade. Tudo bem. Só que o que o Modiano fez foi restringir a quantidade de moeda podre. Se você tem menos moeda, o preço cai. Se cada um deles aqui tem um milhão noboloso e vamos fazer leilão de uma televisão, o preço é um. Secada um tem cem mil, o preço é outro.

O Modiano pegou as moedas podres e falou: "Olha, o pessoal que tem crédito com a Siderbrás tem o direito de usar no leilão de privatização; o pessoal que tem TDAs tem o direito de usar no leilão de privatização. Agora, Fundo de Garantia, Previdência, PIS-Pasep, FAN... esses fundos não podem ser utilizados no leilão de privatização.

Justamente os fundos ligados aos trabalhadores, aos sindicatos...

É dinheiro do trabalhador, mas administrado pela Caixa Econômica. O grande gesto do governo seria pegar esses fundos, reconhecer a dívida, permitir que eles participassem do leilão e dar autonomia pra eles. Essa foi a primeira sacanagem, restringir a quantidade de moeda. Segunda sacanagem: as avaliações foram manipuladas. Eu tenho amigos que participaram de leilões de privatização e digo: foram manipuladas! Eu descobri isso em janeiro, quando veio o pessoal da Ultrafertil me apresentar a avaliação da Price. Até então eu achava que essa parte estava sob controle, que não tinha

sacanagem. E vi que estava manipulada. Denunciei a Price e ela não teve coragem de se defender. Recentemente, a Trevisan fez a terceira avaliação da Ultrafertil e estava manipulada. Quer dizer, esse pessoal sai sempre ganhando. Tudo é feito pra dar mais lucros pra eles. Uma sacanagem nacional assim não é pra um grunho específico. O que está privando esse pessoal é que eles acham que qualquer crítica que se faça à privatização vai interromper o processo, "então vamos fechar os olhos pra isso".

Até agora, a imprensa tem dado um tratamento às denúncias como sendo manifestações corporativistas. Que tem também. Mas quando o prefeito de Volta Redonda e o bispo denunciaram, eles diziam: isso é postura ideológica. Quando você mostra tecnicamente que é sacanagem, aí cai por terra a fantasia.

Falando em ideologia, a privatização virou uma ideologia também. Todo mundo é obrigado a aceitar essa trolha, senão é contra a "modernidade", outra palavra de cunho ideológico vazia...

Mas por que essa questão dos fundos sociais participando balançou o coreto e o pessoal fugia dela como o diabo da cruz? Porque é uma proposta que não pode ser descaracterizada com o discurso da modernidade. É a proposta mais moderna que tem. Porque se a gente substituiu esse sistema atual de Caixa Econômica e BNDES controlando influxos imensos, desperdiçando e sacaneando, por um esquema descentralizado, com fundos fiscalizados por sindicatos e pela sociedade civil, definindo as aplicações tecnicamente, isso é contra a modernidade? Esse escudo ideológico foi rompido por isso.

Mas por que é preciso privatizar, do seu ponto de vista?

Privatizar não significa passar pro setor privado, pro investidor privado. Privatizar pode significar você passar pro investidor trabalhador. É a forma de gestão que tem que mudar. O lucro não pode ser visto como uma coisa predatória simplesmente, ele é uma maneira de medir que o dinheiro está sendo bem aplicado. E a estatal não tem isso. A estatal não tem falência, não é obrigada a buscar a eficiência.

A privatização não é da propriedade, é da forma de gestão. Veja a Acesita: ela é controlada por fundos de pensão de estatais, só que o presidente lá é obrigado a trabalhar em termos de mercado, buscar a maior eficiência possível, porque é a eficiência que vai ga-

rantir que a economia brasileira será melhor, que vai garantir que o trabalhador brasileiro será melhor remunerado...

O caminho pra uma privatização sem esses problemas é o governo ter a grandeza de reconhecer sua dívida social, que são os fundos sociais. Se você é um credor, o governo pode não pagar. Mas tem um documento que te diz: o governo deve pra você. Esse documento habilita você a entrar num leilão de privatização. Se o governo é devedor do Fundo de Garantia, o governo reconhece que deve, dá autonomia pra esse fundo, que passa a ter uma gestão de um administrador profissional, com um conselho composto por trabalhadores, empresários, representantes da sociedade civil, e a função desse fundo vai ser obter a melhor rentabilidade do dinheiro do fundo para o trabalhador.

O mesmo seria feito com a Previdência, todos esses fundos. A partir desse momento, você joga uma quantidade de dinheiro novo pra disputar a privatização.

Quem vai controlar esses fundos? Seriam os sindicatos, as centrais sindicais?

Eu acho que você não pode politizar isso, tem que estar acima de interesses corporativistas. Senão você põe a Força Sindical lá em Volta Redonda tomando conta. O Vicentinho tem colocado de uma maneira muito feliz que no Brasil, hoje, você tem um projeto de nação que é comum a trabalhadores, a empresários produtivos, a investidores produtivos (que existem também), ao governo, à imprensa...

Você tem que criar um projeto de país, algo viável. Se o país não conseguir ser suficientemente produtivo pra disputar com os Tigres Asiáticos, com o Mercado Comum Europeu e com os americanos, você não vai ter dinheiro nem pro salário nem pro lucro. O primeiro ponto pra esses fundos, então, é a busca da eficiência. O Brasil tem que ser competitivo internacionalmente, para garantir que o país não vai afundar. Então esses fundos têm que ser aplicados nos melhores projetos, se comportar como investidores.

Tem que ter norma de proteção aos empregos, mas de uma forma moderna. Se está mudando o perfil das indústrias, como acontece hoje nas montadoras não adianta você querer, por exemplo, preservar os empregos de indústrias mecânicas que estão cedendo lugar a parte eletrônica. Você tem que pegar esse pessoal da parte mecânica que vai perder o emprego e reciclar, pra passar pra parte eletrônica. Tem que dar garantias mínimas ao pessoal que está saindo, dar treinamento para passar para outro setor.

Tem que ter bom senso. Se você permite que a disputa dos sindicatos entre de maneira corporativista nesse jogo, você inaugura o sindicalismo de negócios, que foi o que Luís Antônio Medeiros fez.

Você está sendo processado pelo governo por ter denunciado uma mutreta no leilão da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Que mutreta foi essa?

No ano passado, foi indicado presidente da CSN, pelo Collor, o Roberto Procópio Lima Netto, um executivo conhecido, ex-diretor do BNDES, e ligado ao grupo Monteiro Aranha, do Rio de Janeiro. Ele fez uma montagem para assumir o controle da CSN. O primeiro passo foi fazer uma aliança com a Força Sindical, e derrubar o antigo sindicato, que era de um grupo político ligado à CUT, muito contrário à privatização, mais que o PT hoje. O Procópio aproveitou essa bandeira da privatização para fazer um acordo com o pessoal da Força Sindical e injetou muito dinheiro nas eleições do sindicato lá. Eu sei de grupos financeiros que colocaram o dinheiro.

Comprou frota de kombi para transportar eleitores. Deu metade de um salário - uma espécie de 14º salário - e condicionou a não devolução desse dinheiro à vitória da Força Sindical. Foi dado como um empréstimo, mas se a Força Sindical ganhasse ele não cobrava. Se a CUT ganhasse, ele cobrava.

O segundo passo desse jogo foi no próprio BNDES, quando o Eduardo Modiano aumentou para 20% a participação dos trabalhadores na privatização.

Como é essa participação dos trabalhadores? A informação é de que era 10%, mas as ações eram vendidas...

Isso foi um jogo. A melhor maneira dos trabalhadores participarem é permitir que essas ações possam ser compradas com o próprio Fundo de Garantia. Que se faça um fundo de investimento com controle social, com gestão profissional, ou seja, se recolham as dívidas do governo com o Fundo de Garantia para se participar do leilão de privatização com esse fundo reformulado.

O que eles fizeram em todas as privatizações foi entregar as ações diretamente para os trabalhadores da empresa. A compra era financiada, doze anos de prazo, 6,5% ao ano, uma grande facilidade, por metade do preço quase. Então você pode perguntar: mas não é justo que o trabalhador seja beneficiado? Só que em nenhum momento ele foi beneficiado. Eles não tinham informação sobre o funcionamento do sistema de mercado. Diziam a eles: "Olha, isso aqui é uma ação, você tem que comprar essa ação, que vai ter va-

lor futuramente". Eles não tinham nem consciência de qual seria esse valor. Os grandes especuladores iam lá e falavam pro cara: "Eu te dou metade aqui, em dinheiro, e você me dá uma procuração que daqui um ano - que é o prazo para a venda das ações - eu compro suas ações". Em todas as privatizações foi isso que ocorreu.

Essa concessão, então, foi uma forma de manipular os trabalhadores?

É. Metade do preço, financiamento de doze anos, juros baixíssimos... Só que não era explicado adequadamente aos trabalhadores que essas ações teriam uma grande valorização. O pessoal estava com esses papéis na mão, vinha um pessoal do Rio, como o Grupo Arbi, onde o Modiano trabalhava, ediziam: "Te pago X, na hora". Isso ocorreu em todas as privatizações. Só que a CSN, isso foi pra 20%. O Modiano, que eu denunciei e

disse que ia me processar, falou: "Nós estávamos testando outras formas de participação dos trabalhadores". Conversa fiada! Quando se fala em formas de participação dos trabalhadores - gestão participativa, tudo isso - uma demanda todo um trabalho de esclarecimento, basicamente. O que foi dado acabou nas mãos dos investidores. E no caso da CSN foi mais sofisticado. Resolveram montar um "clube de investimento", para impedir que as ações se dispersassem. Todo o processo de controle da CSN começou aí.

O que é um clube de investimento?

Se nós temos direito a ações da CSN, eu monto um clube, vocês vêm e se inscrevem no clube, me passam as ações, eu administro as ações em nome de vocês, e vocês ficam com os dividendos e a valorização. Só que nesse clube as regras colocadas foram sacanas. Porque as ações têm dois valores: um valor é o que te dá direito a uma parte do lucro da empresa. Agora, o grande valor de uma ação é quando ela permite a alguém controlar a companhia, porque daí a pessoa que controla a companhia tem controle sobre os contratos de financiamento, sobre os programas de investimento, ela define o futuro da companhia.

Nesse clube de investimento que foi feito, você passava a ação para mim, automaticamente o poder sobre a ação passava a ser meu. Você não o tinha mais; se você quisesse sair, tinha que vender para alguém do clube. O discurso para criar o clube era para impedir que o trabalhador vendesse as ações a preço de banana, só que você entregava as ações para mim, tinha um prazo pra ven-

der, e ficava com quotas do clube de investimento. Só que essa quota, o clube dizia que você podia vender no dia seguinte.

As ações tinham um prazo de um ano, no mínimo, e a quota podia ser vendida no dia seguinte?

É. Qual é a jogada? O sistema de adesão dos trabalhadores foi assim: todos os chefes de seção iam com lista lá e diziam, "Fulano, tem que assinar aqui pra entrar pra esse clube de investimentos do Procópio Lima Netto". A CSN tinha passado por um passaralho de 5 mil demissões, então quem é que ia chegar pro chefe e dizer "eu não assino"? Só com isso o Procópio passou a ter controle sobre 20% das ações da CSN, que eram de propriedade desse clube. A tomada de controle do clube também foi de uma maneira sacana: numa reunião fechada, com duzentas pessoas (a CSN tem 27 mil funcionários). Marcaram essa reunião sem destaque, sem avisar que era pra definir o regulamento do clube.

É o estilo Medeiros mesmo. É o estilo Medeiros. Então, o que a gente está achando que vai acontecer? A diretoria vai ficar três anos controlando essas ações, e nesses três anos vai conseguir dinheiro dos investidores, vai adquirir as ações dos outros trabalhadores, porque eles não se consideram participantes, não se consideram proprietários, ninguém tem essa visão. E quando terminar esses três anos, o controle do fundo está em outras mãos.

E ele fez mais: tem um fundo de pensão, a caixa beneficente dos funcionários da CSN. Ele passou 9% das ações da CSN pra essa caixa beneficiária, de maneira irregular. Quem é que indica o curador da caixa beneficente? É o presidente da CSN. Então ele ficou com controle de 29% da CSN.

O jogo acabou, virou marmelada. Nos outros leilões, todo mundo participava. Depois que terminava o leilão começava a política de alianças, pra ver como seria o bloco controlador da companhia. Neste caso, não tinha mais jeito. Uma

Brizola achou num certo momento que poderia levantar uma aliança entre o Banerj e fundos de pensão, pra conseguir comprar a companhia.

Aí foram proibidos os fundos...

Não, os fundos foram proibidos antecipadamente. Só que como o Brizola não conhece nada do ramo aí, uma semana antes é que ele foi alertado que os fundos estavam proibidos. Então ele falou com o presidente, e 48 horas antes do leilão o presidente decidiu que os fundos podiam participar. Aí ligaram pro presidente da Abrapp e ele disse: "Tudo bem, ficamos muito alegres pros próximos leilões, porque pra esse não dá, está em cima da hora. Não tem jeito". E o presidente não teve jeito pra adiar o leilão. Teve o leilão sem os fundos, ficou consolidado o sistema de poder: Procópio Lima Netto com 29% e a Varig mais 10%, dá 39%. Bamerindus e Vicunha vão disputar o quê?

Qual foi o motivo da demissão?

Uma pessoa só já tinha 29% sem pôr um tostão.

Foi por isso que não teve nem um lance acima do preço mínimo?

Esse foi um dos motivos. O mais sério. O segundo motivo é que os fundos de pensão não participaram do leilão. O Itamar resolveu proibir a participação desses fundos, porque no caso da Acesita ele acha que os fundos se comportaram como se fossem especuladores. Tem uma dose de razão aí. Mas quando tirou essa moeda, ele tinha que colocar uma outra moeda aí. Se você tem cem compradores, afasta oitenta e deixa só vinte, o preço cai. Ele poderia ter incluído a participação de capital estrangeiro, ter

Favorável à privatização de empresas estatais, o jornalista Luís Nassif não se conforma com o que chama de "sacanagens" que vêm sendo feitas no processo privatizante. Denunciou uma dessas sacanagens, que deu de mão beijada a CSN a Roberto Procópio Lima Netto, numa mutreta que incluiu a Força Sindical de Luís Antônio Medeiros, e foi processado por Itamar. Aqui ele conta tintim por tintim como foi a maracutaia, em entrevista a Mouzar Benedito e Hamilton Cardoso.



A MUTRETA DO LEILÃO

MEDEIROS, O COMPARSA

Força Sindical e Medeiros estão atolados no mar de lama da privatização da CSN

A FOME É QUEM MANDA. A "Caravana da Cidadania", liderada por Lula, começou com a corda toda. A miséria, a fome e a seca aparecem com toda a sua crueldade nas favelas de Garanhuns ou nas ruas de Canapi. As lideranças sindicais rurais de Pernambuco e Alagoas, presentes nos encontros com Lula, têm mostrado que existe um avanço na organização dos trabalhadores locais.

SOB A MESMA DIREÇÃO. Chegaram ao final as eleições para o Sindicato dos Eletricitários de Campinas, que abrange boa parte do estado de São Paulo e é um dos maiores da categoria no país. A Chapa 1, da CUT, apoiada pela atual diretoria, conseguiu uma fácil vitória, atingindo 72% dos votos e derrotando a chapa de oposição, que era apoiada pela diretoria do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo - já presidida pelo ex-ministro e ex-pelego Antonio Rogério Magri. Foi reeleito presidente da entidade José Mauro Forti.

MULHERES NÃO TÊM VEZ. A FETEC e o Sindicato dos Bancários de São Paulo acabam de realizar uma ampla pesquisa em suas bases. Ela estabelece um perfil detalhado do bancário paulista: ele é em sua maioria jovem, solteiro, tem 2º grau completo. Reclama de ter que fazer vários serviços fora de sua função, tem medo de ser demitido e de que suas agências sejam assaltadas. Mas não tem muito orgulho da profissão: pelo menos 2 em cada 3 bancários deixariam a agência se pintasse uma boa chance. Existem praticamente tantas mulheres quanto homens trabalhando nos bancos, mas a pesquisa revela que é para elas que sobram as funções com menor remuneração, apesar de possuírem um grau de escolaridade maior que a dos homens bancários. Para se ter uma idéia, os dados mostram que apenas 27,3% dos gerentes são mulheres...

PROVIDÊNCIA PARA A PREVIDÊNCIA. A CUT nacional está chamando os sindicalistas para que participem do seminário que irá discutir a questão da Previdência Nacional e dos Fundos de Pensões. Ele ocorrerá de 20 a 23 de maio, na quadra do Sindicato dos Bancários de São Paulo. Na abertura estarão presentes os ministros Walter Borelli e Antonio Britto, além do presidente da CUT, Jair Meneguelli.

ABAIXO O BAIRRISMO! Esta coluna tem um defeito: é paulista demais, embora não seja esta a intenção. Para tentar corrigir esta falha, o leitor pode ajudar, remetendo boletins sindicais ou matérias de jornais de sua região para o **Brasil Agora**, aos cuidados desta coluna. Meu problema é a falta de tempo e de verba para os telefonemas interurbanos. Apesar de morar em São Paulo e ser são paulino, também sou atleticano em Minas, colorado no Rio Grande do Sul, Sport em Pernambuco, Flamengo no Rio etc., etc. Além do mais, todo mundo sabe que não existe paulista bairrista.

O presidente da Força Sindical, Luiz Antonio Medeiros, havia prometido comandar uma grande manifestação de operários, diante da Bolsa de Valores do Rio, para saudar a privatização da CSN no dia do leilão. No entanto, ele sequer aproximou-se da Praça XV, onde fica o prédio da Bolsa, na tarde de 2 de abril, quando a siderúrgica foi entregue à iniciativa privada. Preferiu dirigir-se à sede da Corretora Graphus, onde um dos dois cartéis formados para adquirir a companhia acompanhou por telefone celular os lances do leilão, e em seguida festejou a vitória.

O episódio é apenas o lance afinal da longa história de envolvimento da Força e de seu líder máximo com a privatização da CSN, com as irregularidades flagrantes que ela envolve, e com atitudes da direção da imprensa para influir, através de uma campanha criminosa de intimidação e favorecimento, na direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda.

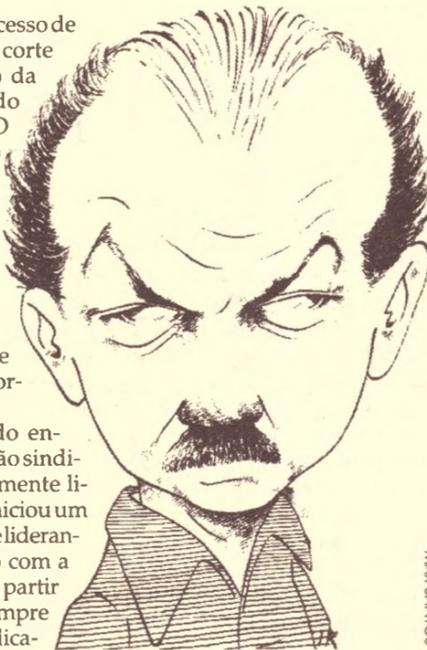
A história, relatada por Wanderley Barcelos, ex-diretor do sindicato, começa em março de 1990, quando o então presidente Collor nomeou Procópio Lima Netto, um apaniguado que não tinha qualquer ligação com a CSN, para dirigir a empresa.

INTIMIDATION E TERROR. A política de amedrontamento sistemático dos trabalhadores começou de imediato. Em poucas semanas Lima Netto demitiu 3 mil dos 22 mil funcionários da empresa (hoje ela está reduzida a

16.500) e iniciou um processo de demissão dos ativistas, corte de salários e proibição da entrada de diretores do sindicato na fábrica. O Tribunal Superior do Trabalho, então inteiramente submisso ao Executivo, deu amparo judicial a todas as iniciativas. Entre 1990 e 1991, a derrota de umas três campanhas salariais seguidas, e de uma greve de 30 dias, atordoou os operários.

Aproveitando-se do enfraquecimento da direção sindical, até então unanimemente ligada à CUT, a "Força" iniciou um processo de cooptação de lideranças, sempre em conluio com a direção da empresa. Já a partir de 1990, Lima Netto, sempre intransigente com o sindicato, passou a estabelecer negociações com a Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos - CNTM, controlada por Medeiros.

A HORA DOS ABUTRES. Um setor da diretoria do sindicato foi então estimulado a associar-se à Força, e passou a ser admitido nestas negociações, paralelas e ilegais. Executados no essencial os planos de arrocho, Lima Netto passou a oferecer migalhas aos trabalhadores, como antecipações bimestrais de salários. Fazia as "concessões" através dos diretores que haviam bandeado, e alardeava, no "Informativo", que a empresa distribuía aos montes na usina, que as "vitórias" saíam graças às conversas



MAX SANTOS

com os "setores sindicais que não rejeitam o diálogo".

A ofensiva conduziria à tomada do sindicato pela "Força", em agosto de 1992. Wanderley Barcelos reconhece que pesaram para tanto inúmeras debilidades da direção cutista. Mas os abusos promovidos pela presidência da CSN foram tão evidentes que em novembro daquele ano o Lima Netto chegou a ser enquadrado, por um delegado local, em inquérito policial, acusado de desvio de verba pública, prevaricação, constrangimento ilegal e coação, durante a campanha eleitoral.

CUT DIVIDIDA. A partir de março de 1992 começou em pa-

ralelo um movimento para envolver os trabalhadores com a privatização, e usá-los como massa de manobra em favor dos interesses que determinados grupos econômicos tinham no processo. Apoiando-se em dispositivos da lei de desestatização, Lima Netto articulou a criação de um "Clube de Investimentos" dirigido por seus cúmplices da "Força". Criado numa assembléia a que compareceram apenas 200 operários, o "Clube" estabeleceu em seus estatutos que os trabalhadores que comprassem ações transferiam seu direito de voto à entidade que surgia. A adquirir tal direito o "Clube" credenciava-se para integrar o cartel que em 2 de abril último assumiria o controle da empresa.

Wanderley Barcelos relata que, cumprido o objetivo de controlar o sindicato e viabilizar a privatização, os sindicalistas que se ligaram à "Força" abandonaram por completo o próprio contato com a categoria. Às vésperas da data-base da categoria, 1º de maio, não foi feita uma única assembléia de trabalhadores. O desgaste só não é completo, acrescenta Barcelos, porque a oposição cutista está dividida. Um setor não abandonou a luta contra a privatização e, agora, contra a nova direção da empresa; mas tem grandes dificuldades de retomar a liderança dos trabalhadores. Outra ala acomodou-se à venda da usina, e chegou a criar um "Clube de Investimentos Independente", que reúne 1.500 trabalhadores, contra os cerca de 14 mil da "Força".

ANTONIO MARTINS

SALÁRIOS

Arrocho Itamar pode cair

Itamar enfrenta dificuldades, ao defender a política salarial que herdou de Collor.

O deputado Paulo Paim (PT-RS), presidente da Comissão de Trabalho da Câmara dos Deputados, compareceu munido de um carrinho de feira e um dossiê à audiência que manteve, dia 27 de abril, com o presidente Itamar Franco e alguns de seus ministros e assessores que se consideram "de esquerda".

Autor de um projeto de lei que estabelece reajuste mensal de salários, Paim exibiu ao próprio chefe de governo, Walter Borelli, a Antônio Britto, a Fernando Henrique Cardoso, a Pedro Simon e a Roberto Freire cópias de pronunciamentos que todos eles fizeram, em governos anteriores, defendendo políticas salariais semelhantes. "Espero que sejam coerentes agora", fez questão de pedir o deputado a cada um de seus interlocutores. Ouviu apenas silêncios constrangidos, contou depois ao **Brasil Agora**. Ao fim da audiência o presidente solicitou-lhe que adiasse a tramitação do projeto até que o pacote econômico seja votado no Congresso.

TÁTICA ANTIGA. Após o encontro, os ministros e líderes governistas expuseram sua verdadeira posição. "O governo não dispõe



MAX SANTOS

pularidade, alegou ser necessário aprovar primeiro o "ajuste fiscal" que tramitava no Legislativo. O ministro Walter Borelli assumiu publicamente, no entanto, o compromisso de enviar ao Congresso uma nova política salarial, para vigorar a partir de primeiro de maio.

RECUPERAR O MÍNIMO. Nunca chegou a fazê-lo. Paim apresentou em 6 de abril um novo projeto, ainda mais completo.

O novo texto assegura a todos os trabalhadores, das empresas privadas, estatais e do serviço público, reajustes mensais de acordo com a inflação do mês anterior, medida pelo IRSM. Além disso, estabelece aumentos reais do salário-mínimo de 3% ao mês, para chegar, num prazo de três anos, aos trezentos dólares necessários para cobrir as necessidades estimadas pela Constituição.

O projeto Paim prosperou.

Em 14 de abril foi aprovado por unanimidade pela Comissão de Trabalho, onde figuram representantes de todos os partidos. Entraria certamente em votação antes do final de abril, não fosse a sobrecarga provocada pelo programa econômico nos trabalhos legislativos.

URGÊNCIA URGENTÍSSIMA. É provável, no entanto, que nem o pacote seja capaz de freá-lo. Logo após a audiência com Itamar, o presidente da Comissão do Trabalho, que não aceitou os argumentos protelatórios do governo, solicitou do colégio de líderes tramitação em regime de "urgência urgentíssima" para sua proposta. Ninguém teve coragem de se opor.

O deputado relata que tem recebido dezenas de moções de apoio para a proposta, enviadas por Câmaras Municipais, mas acha que a ação do movimento sindical ainda é tímida.

Confia numa virada, a partir de primeiro de maio. Numa iniciativa pioneira, o Sindicato dos Bancários de São Paulo começou a forrar a cidade de cartazes, na segunda semana de abril, em favor dos reajustes mensais.

ANTONIO MARTINS

Vem aí delegacia racial

A proposta do governo paulista esbarra num problema: falta definir o que é crime.

Na década de 80 suspeitava-se que o corpo de Joseph Mengele se encontrava no Brasil. Mas foi só em 1989 que os primeiros grupos neonazistas começaram a ser noticiados pela imprensa. Em 1992, após a pichação da Rádio Atual, em São Paulo, por *skinheads*, e o assassinato de Fábio Henrique de Oliveira Santos, no mês de abril, no ABC paulista, por outro *skinhead*, os temas começaram a ser vinculados ao racismo, há muito denunciado pelos movimentos negros brasileiros.

De fato, no início de abril, por proposta do presidente do Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, Eduardo Joaquim de Oliveira - que está reunindo representantes judeus, nordestinos e outros grupos que se dizem discriminados para um grande ato público dia 13 de maio próximo -, o secretário estadual da Segurança Pública, Michel Temer, que acredita que elas se espalharão pelo Brasil, decidiu criar uma delegacia especial para assuntos raciais.

O projeto, segundo o chefe de Gabinete de Temer, Miguel Cordovani, elaborado pela assessoria técnica da Secretaria, foi encaminhado dia 22 de abril para o gabinete do governador Luiz Antonio Fleury Filho, que até o fechamento desta edição ainda não decidira sobre as características da delegacia.

MOTIVOS. Mas a proposta, apesar de aparentemente benéfica, gerou polêmica nos movimentos negros. Um encontro, reunindo intelectuais, políticos e advogados anti-racistas naquela mesma semana, no restaurante do Museu da Imagem do Som - MIS, em São Paulo, revelou o quadro nas seguintes bases:

1) A proposta da delegacia surgiu como resultado de alguns casos de preconceito denunciados pelas vítimas, e outros de violência, cometidos por pessoas supostamente racistas - os *skinheads* - contra negros, o que gerou na imprensa a hipótese de crescimento do racismo no Brasil.



MAX SANTOS

2) A idéia de sua criação consolidou-se depois que um grupo negro, originário do movimento *rap*, a Nação do Islã, ameaçou aplicar a lei de talião nos casos de violência contra negros. Segundo a imprensa teriam dito que para cada negro assassinado matariam um branco. O secretário suspeitou que pode ocorrer no Brasil uma guerra racial.

Durante a conversa, envolvendo seis pessoas que consumiram pelo menos uma garrafa de uísque escocês, apareceram divergências sobre a utilidade da delegacia. O advogado José Roberto Militão, do Instituto do Negro e da OAB, acha que ela poderá "acirrar os ânimos racistas através da promoção dos grupos neonazistas, hoje irrelevantes e trazidos ao público através da imprensa, especialmente o SBT - Sistema Brasileiro de Televisão".

Afirma ainda que não é a política, mas a anarquia - no sentido de uso popular - e a bagunça, o que caracteriza estes grupos. "Seus crimes não são raciais, mas comuns, e é nas delegacias comuns que deveriam ser registradas as quei-

xas", disse. Maria da Penha Guimarães, membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB e coordenadora da sub-comissão de negros, queria saber "como ficarão os crimes cometidos por policiais militares. Serão apurados pela delegacia ou pela Justiça Militar?"

INÚTIL? Outro tema de curiosidade: "O quadro funcional, tradicionalmente despreparado para o tratamento deste tema no Brasil em todos os setores do trabalho. Serão delegados negros e será que existem em número suficiente?", perguntava.

José Roberto Militão e Maria da Penha argumentaram sobre a inutilidade da delegacia e lembraram que "ainda não está claro no Brasil o que é um crime racial". O crime racial, até agora, foi previsto pela lei Caó, na Constituição de 88, "mas ela se refere apenas a estabelecimentos", disse a advogada. E mesmo assim, conforme Militão, prevê apenas as situações em que ele pode ocorrer. Lembra que os crimes recentes, como briga, homicídio e rixa, estão tipificados no Código Pe-

O ISLÃ BRASILEIRO

A Nação do Islã, segundo Ahmed Al Amim, do conjunto de rap Black Power, que existe há cinco anos e tem um de conversão, não é uma organização racista, terrorista ou uma versão preta dos neonazistas. "Não somos separatistas e, apesar da simpatia, acho que a idéia de voltar à África é perder 500 anos de trabalho", diz. Sobre o perfil étnico e a identidade racial do negro brasileiro ele faz uma afirmação impressionante: "Somos uma mistura. Eu mesmo tenho negros, brancos e índios na minha família", diz Ahmed.

Segundo Craneum Ali, "somos um país de mestiços". Eles mantêm um clima de segredo e não revelam o número de integrantes. "Não vem ao caso", diz Ali, que se refere à Unidade X, uma espécie de segurança do grupo que, com preparação física, deve defendê-los e à comunidade negra, em caso de agressões, além de separar brigas durante os bailes de periferia.

O grupo resiste ao repórter do *Brasil Agora*: "Não daremos entrevistas porque a imprensa está deturpando a nossa imagem e nos colocando em confronto com a comunidade islâmica", diz Ahmed. A advogada Maria da Penha Guimarães afirma que "eles estão sendo usados como bodes expiatórios", enquanto Juarez Tadeu, coordenador paulista da Unegro-União Negra pela Igualdade, acha que "estão sendo folclorizados para serem mostrados como algo similar aos neonazistas. Estão sendo ridicularizados".

O problema principal do racismo hoje, segundo Ahmed, é a mídia, "que cria o complexo de inferioridade nas crianças e passa a imagem de que o negro é bandido, bêbado e preguiçoso". Por isto principalmente realizam reuniões com a juventude negra, especialmente os frequentadores dos bailes de rap, para divulgar as idéias de Malcom X: "Ele ensinava que os negros devem pesquisar o passado e o mundo atual, a realidade em que vivem, e compreender a situação. Ensinou a olhar o passado para compreender e agir no presente", diz Mohamed Akeem, outro integrante do grupo.

H.C.

nal, são comuns, e podem ser tratados em qualquer delegacia.

VISIBILIDADE. Já o ex-coordenador da CONE-SP, Coordenadoria Municipal do Negro, de São Paulo, Hélio Silva Jr, argumentou a favor da criação da delegacia porque, em casos como o das mulheres, "ela deu maior visibilidade à demanda". A questão, segundo ele, "é tipificar as práticas de racismo", o que, acreditam, deve ser um papel do Estado com a colaboração de lideranças dos movimentos negros. De qualquer modo, decidiram apoiar a idéia e começaram a articular um encontro entre o secretário da Segurança Pública paulista e lideranças negras para definir o perfil do órgão público e criar mecanismos para encorpar os conceitos de crime racial.

"E o caso do assassinato da menina Mônica de Moraes, de 8 anos, com 4 tiros, na Vila São Vicente, em São Paulo?", per-

gunta a advogada. Segundo a revista *Isto É*, número 1.230, a menina, que vinha sentada no banco do carona da Brasília do advogado Antonio Milton Moraes, seu pai, que é negro, recebeu quatro tiros do torneiro mecânico Evangelista Lopes, que suspeitou que seu pai dirigia o carro roubado de Márcio Ribeiro. Na 31ª D.P., na Vila Carrão, delegacia para crimes comuns, Lopes afirmou: "Pensei que fosse o ladrão".

HAMILTON CARDOSO



SINDICATO BEM EQUIPADO FALA MAIS ALTO

Agora é fácil falar mais alto...
A DISK SOM tem
o aparelho ideal para suas
necessidades. Nunca a
comunicação foi tão simples e
teve tanta qualidade.

DISK SOM Comércio e Manutenção Ltda.

Rua Silveira Martins, 12 - Fone (011) 34.7244 - Fax (011) 35.0717 - CEP 01019-000 - SÃO PAULO/SP

**RAPIDEZ,
SEGURANÇA,
ECONOMIA**
TESTADO E APROVADO PELOS NOSSOS CLIENTES:
METALÚRGICOS DE VOLTA REDONDA
METALÚRGICOS DO RIO DE JANEIRO
CONDUTORES DE SÃO PAULO
QUÍMICOS DE SÃO PAULO
PLÁSTICOS DE SÃO PAULO
PREVIDENCIÁRIOS DE MATO GROSSO DO SUL
FERROVIÁRIOS DO ESPÍRITO SANTO
RURALS DE XAPURI/AC
AEROVIÁRIOS DE RECIFE
BANCÁRIOS DE CAXIAS DO SUL/RS

Arejando o ambiente

Num velho cenário norte-americano, novas idéias para a América Latina

Esta cidade parece um presépio", comentou Lula com o jornalista Elio Gáspari, da Veja, enquanto se dirigia ao auditório central da Universidade de Princeton para participar de um debate sobre o futuro da América Latina com outros "presidenciáveis" latino-americanos.

Princeton, uma das três grandes universidades dos Estados Unidos, onde Einstein foi professor, é um conjunto de edifícios construídos em estilo gótico "hipertardio", isto é, deste século XX... O novorriquismo norte-americano sempre buscou compensar a ausência de uma tradição com a construção de edifícios gregos ou romanos. Em Princeton a escolha recaiu sobre o gótico.

Pois foi neste cenário de uma das mais aristocráticas universidades norte-americanas, que acolheu em suas aulas do presidente Wilson ao ator James Stewart, que Lula falou sobre as relações dos EUA com a América Latina no "pós-guer-

ra fria" e sobras alternativas econômicas, políticas e sociais que se abrem para o hemisfério agora que surge no continente uma nova esquerda que ela disputa para valer eleições em quase todos os países entre 1993 e 1995.

Lula teve a seu lado Cárdenas, do Partido da Revolução Democrática, do México, Rubén Zamora, de El Salvador, Pablo Medina, da Causa Radical, da Venezuela, Antonio Navarro Wolf, o ex-guerrilheiro do M-19 colombiano, e Luís Maira, secretário-geral do Partido Socialista chileno, que veio substituindo o candidato Ricardo Lagos.

Foi Maira, justamente, quem pronunciou uma das fra-



Lula discute saídas para a esquerda

ses mais sintomáticas do debate que durou um dia e meio. "No passado", disse o chileno, "tínhamos idéias mas não tínhamos votos. Hoje temos votos mas nos faltam idéias".

SEM MEDO. Ele talvez tenha sido injusto e até mesmo modesto. Nos três painéis e no debate com o público, os dirigen-

tes políticos latino-americanos mostraram que a esquerda continental não só revigorou suas bases sociais e eleitorais, como suas propostas programáticas, a despeito da crise das referências tradicionais dos partidos comunistas e social-democratas nestes últimos anos.

A valorização da democracia, a preocupação dos trabalhadores, a de desenvolvimento a partir dos interesses dos trabalhadores, a ênfase em uma integração continental que não se seja uma submissão aos Estados Unidos, mas que contemple o diálogo com Washington, o combate ao neoliberalismo que deve vir junto com a construção de um

projeto não estatista, foram alguns dos temas que atravessaram o debate, que contou ainda com a presença de latino-americanistas como a especialista em PT, Mimi Keck, e Albert Hirschman, uma das grandes referências do mundo acadêmico norte-americano.

Passando da teoria à prática, Lula encontrou-se dois dias depois, em Washington, com representantes da administração Clinton, nos Departamentos do Trabalho, Estado e Tesouro, com o assessor presidencial para o comércio exterior e com a comissão de finanças do Senado. A todos disse o que pensa e como o PT pretende enfrentar o desafio de 1994. Encontrou sempre interlocutores atentos e respeitosos para com aquele com quem talvez tenham de negociar daqui a dois anos na condição de presidente do maior país da América Latina.

MARCO AURÉLIO GARCIA
MEMBRO DA EXECUTIVA NACIONAL DO PT E SEU SECRETÁRIO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, ACOMPANHOU LULA EM SEU RECENTE GIRO PELOS ESTADOS UNIDOS.

QUEM TEM MEDO DE LULA PRESIDENTE?

Zero Hora não, Bob Fields sim

As elites fazem um discurso contraditório sobre o PT

Nelson Sirotsky tem 40 anos e é diretor-presidente da Rede Brasil Sul de Comunicações, um grupo proprietário de dois jornais no Rio Grande do Sul (um deles o Zero Hora), dois em Santa Catarina, emissoras de TV que retransmitem a Globo na região sul e rádios AM

e FM líderes de audiência em diferentes faixas de público.

Sirotsky não tem medo de um governo Lula. "Hoje o PT está em processo de mudança e se dispõe a conversar. Para mim, o mais importante é essa disposição, saudável e positiva, de trocar opiniões. Sobre tudo porque sentimos que o Lula está preocupado com a elaboração de um plano que tenha exequibilidade, que dê governabilidade ao país."

Para ter governabilidade, é preciso que o programa seja aceito pela sociedade, tenha respaldo no Congresso Nacional e no Judiciário e que tenha como grande pano de fundo o processo democrático. Sirotsky defende "a distribuição da renda, a reforma agrária com coerência

feita em terras não-produtivas, o papel do Estado como regulador da economia e o combate à miséria. O que espero do próximo presidente do Brasil é que ele tenha as condições necessárias para provocar as reformas estruturais que a sociedade brasileira necessita para que este país possa ter um futuro melhor".

Pode ser um governo do PT? Ao que tudo indica, sim. Afinal, avalia, "o PT está deixando de lado eventuais crenças e doutrinas programáticas, para se transformar em algo no campo da exequibilidade".

Opinião oposta é a do deputado Roberto Campos (PPR-RJ), ministro do Planejamento na época da ditadura militar. Em

artigo publicado pelo jornal O Estado de S. Paulo, em 18 de abril, Bob Fields destila seu horror ao PT: "O sonho presidencial de Lula é um pesadelo para os que sonham com a modernização do Brasil. Seu partido é excludente, pois prega o conflito de classes, coisa obsoleta nas modernas sociedades integradas. De seu nome, Partido dos Trabalhadores, se infere que os outros são partidos de vagabundos... A modernização brasileira passa pela renúncia ao nacionalismo, ao populismo, ao estruturalismo e estatismo, doenças que no PT têm a irreversibilidade da Aids. À parte Brizola, cujo relógio mental parou há 30 anos, não parece haver, na galeria de presidenci-

áveis, ninguém mais despreparado que Lula".

A virulência de Roberto Campos é a ponta de um iceberg que vai se revelar, pouco a pouco, até as eleições de 1994. Virulência que se volta inclusive contra os empresários: "Consta que os empresários paulistas, que tomaram a iniciativa de banquear Lula, são da indústria de brinquedos. Talvez a esperança deles seja que Lula aprenda a brincar de capitalismo".

"O mais provável é que estejam desempenhando o papel dos violinistas judeus do campo de concentração", que tocavam enquanto seus iguais eram levados à câmara de gás.

VALTER POMAR

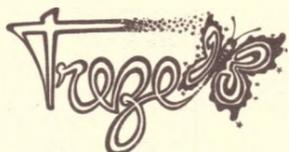


Atenção Militantes e Diretórios

A Loja Treze sempre trabalhou e trabalhará para melhor servir este público tão importante.

Mas hoje se vê obrigada a fazer um aumento em seus materiais para poder continuar atendendo a quantidade e a variedade.

Esperamos contar com compreensão de todos. O nosso muito obrigado.



LOJA CDM - PT - SP

Rua Pedro Taques, 70 - Consolação.

Diretório/Sindicato/Militante: _____

End.: _____

Apto.: _____

CEP _____

Entidade e/ou Nome do Resp.: _____

Bairro: _____

Município: _____

Nº _____

Fone: _____

Condições de pagamento a vista:
Acima de Cr\$ 2.000,00 - 20% de desconto
Acima de Cr\$ 3.500,00 - 25% de desconto
Acima de Cr\$ 7.000,00 - 30% de desconto

QTDE.	PRODUTOS	Cr\$/UNID.	Cr\$/UNID.
.....	Estrela Plástica	5.000,00
.....	Estrela Alumínio	15.000,00
.....	Estrela Metal Solda Peq.	25.000,00
.....	Estrela Metal Cola Peq.	20.000,00
.....	Estrela Metal Solda Med.	30.000,00
.....	Estrela Metal Solda Gde.	40.000,00
.....	Estrela Metal Cola Gde.	35.000,00
.....	Estrela Metal Solda Med. Liás.	30.000,00
.....	Broche Dourado Estrela Red.	40.000,00
.....	Broche Fundaç.º PT e CUT	45.000,00
.....	Broche Pingente PT	25.000,00
.....	Broche Bandeira PT Bras. e LULA	40.000,00
.....	Broche LULA (4 modelos)	35.000,00
.....	Broche fotográfico 13 anos PT	12.000,00
.....	Canelas PT	20.000,00
.....	Canela PT/LULA	15.000,00
.....	Chaveiro Metal PT LULA ret.	45.000,00
.....	Chaveiro Plástico	15.000,00
.....	Lapela Alfinete Red. peq.	20.000,00
.....	Lapela Alfinete Ret. peq.	22.000,00
.....	Lapela Alfinete Red. med. dourad.	25.000,00
.....	Adesivos diversos	12.000,00
.....	Bonê	150.000,00
.....	Camisetas diversas brancas	150.000,00
.....	Camisetas OPTEI Bordada Verm.	280.000,00
.....	Vrincos PT - redondo	45.000,00
.....	Broche Bandeira - Banho de ouro	65.000,00

Lula e o Diabo na terra do sol

Há de tudo no caminho: fome, dramas, seca de um Brasil meio esquecido.

A Caravana da Cidadania, organizada por Lula, de Garanhuns(PE) a Vicente de Carvalho (SP), já cumpriu um de seus principais objetivos: chamar a atenção mundial para o crônico problema da fome no Brasil. A foto da mulher que desmaiou de fome ao lhe colocar um pouco de palma na boca, para que ele provasse o gosto que tem, correu mundo. Se não fosse Lula lá, ela podia ter desmaiado duzentas vezes: ninguém saberia.

O episódio se passou em águas Belas (PE) e a mulher chamava-se Sebastiana Freitas da Silva, que não comia há três dias: só mastigava palma, como faz o gado em tempos de seca braba. Este foi um dos tantos episódios dramáticos dessa Caravana, que conta com a presença da imprensa nacional e estrangeira, e de políticos e sindicalistas de expressão nacional, como o senador Eduardo Suplicy e Vicentinho, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Em Canindé do São Francisco (SE), junto à hidrelétrica de Xingó, Lula perguntou a um trabalhador: "Há quanto tempo você recebe um salário-mínimo?". Ouviu: "Desde que nasci", palavra de Papudinho, o trabalhador. Lula pergunta a uma mulher de 68 anos, no meio do povo, que tem dificuldades para se aposentar, quais são os seus sonhos. Ouve: "Não tenho sonho nenhum, não senhor".

ALEGRIA, ALEGRIA. Houve momentos de tensão e alegria, como chegar em Canapi (AL) ao som de "Alegria, Alegria", de Caetano Veloso. Temiam-se incidentes, o que não houve. Na caminhada pela cidade, Lula conheceu até banheiro de mármore no CIAC local, na terra dos coloridos Malta. Mas desde que



Lula no Nordeste: só assim a fome entra no noticiário

estes perderam a eleição para a prefeitura o CIAC está fechado.

Ao atravessarem a região de Iati, ainda em Pernambuco, a Caravana deparou com cerca de cem pessoas que esperavam um caminhão-pipa, para se abastecerem de água. Quanto ganha por mês Manoel Perino da Silva, 46 anos, que chegara ali às seis horas da manhã e ainda esperaria pelo caminhão até às dez da noite? "Duzentos mil cruzeiros." Isso, quando consegue vaga nas frentes de trabalho, o que não é o caso no momento. Em Iati há 13 mil desempregados e 1.300 vagas nas frentes.

Em Paulo Afonso (BA), terra da impressionante catarata cantada no poema abolicionista do baiano Castro Alves ("A Cachoeira de Paulo Afonso" para quem comete o crime de não conhecê-lo), ainda não chegou a abolição da seca. Paradoxalmente, a cidade é sede de uma das maiores hidrelétricas do continente, mas só produz energia elétrica, como diz um vereador do município vizinho, enquanto lembra que

aquilo já foi terra fértil (o poema do vate da abolição fala justamente de um escravo lavrador que tem a mulher violentada pelo filho do senhor, que é seu meio-irmão, tendo por pano de fundo o fogo das queimadas que destruíram a fertilidade da terra).

E A CHUVA NÃO VEIO. No bairro pobre do Mulungu, mais uma cena dramática: ameaça chover, todo mundo espera a chuva, ela cai. Mas cai só uma poeirinha d'água, rala, que dura cinco minutos. Decepção, desespero. Espera-se chuva há sete meses. Enquanto isso, os deputados Luís Gushiken (PT-SP), federal, Luiz Azevedo e João Paulo, estaduais e também do PT, denunciaram que uma sonda de 170 milhões de dólares, capaz de perfurações até 1.200 metros abaixo da superfície, apodrece e enferruja em Araraquara, São Paulo... A mesma denúncia já fora feita pelo deputado Liberato Caboclo (PDT-SP) ao ministro Paulo Cícero. O governo ligou? Vá ver...

Bisol (PSB-RS), antigo companheiro de chapa de Lula em 1989, e o menestrel Hilton Accioly, compositor do hino "Lula lá", de saudosa memória. A Caravana vai passar o 1º de maio em Feira de Santana, com a presença de Jair Meneguelli, presidente da CUT.

Dia 29, a Caravana estaria em Canudos - um dia depois do fechamento desta edição. A expectativa era grande. Foi em 1893 - há exatamente um século - que oficialmente Antonio Conselheiro se estabeleceu no Arraial de Canudos - para ele, a Cidade do Belo Monte, esperança de uma nova vida para os deserdados brasileiros de então.

Destruída pelo exército, o Belo Monte hoje está soterrado debaixo de toneladas d'água que compõem o açude Vaza-Barris. Assim, na terra da seca, e da indústria da seca, buscou-se afogar a memória popular.

CAMPOS LEÃO E CAMARGO DOS ANJOS

Colaborou Cíntia Campos, que está acompanhando a Caravana da Cidadania

GOLPE DE MESTRE?

A carta-renúncia em que Orestes Quéricia anunciou sua saída da presidência do PMDB e da disputa pela reeleição pode ser um gesto de quem sabe reconhecer uma situação sem saída; mas pode ser também um movimento tático a la Jânio, uma tentativa de voltar triunfalmente nos braços dos apoiadores, ou agora, ou depois, na escolha que realmente importa, a da candidatura à presidência da República.

No primeiro caso, Fleury que se cuide. Afinal, não se trai impunemente um *capo* como Quéricia. O atual governador de São Paulo não seria nada se não fosse o seu antecessor, que certamente dispõe de informações suficien-



tes para detonar quaisquer pretensões de Fleury. E nos meios mafiosos não há pecados mais graves que a infidelidade, a ingratidão e a traição.

Além do que, Fleury só conseguirá se tornar o candidato da "terceira via", o homem que vai quebrar a polarização Lula/Maluf, o redentor do peemedebê, o cavaleiro andante do centro conservador, se puder oferecer ao PSDB o apoio peemedebista na disputa do governo paulista. Só que para isto é necessário a concordância dos quercistas, majoritários no estado. E que podem lançar candidato próprio ao governo do estado - o próprio Quéricia ou outro nome, preservando Orestes para a duradoura imunidade parlamentar do Senado.

No segundo caso, Quéricia pode estar contando com as divergências entre seus adversários no interior do partido, que tão logo ele renunciou já passaram a disputar o espólio - a presidência partidária e a candidatura à presidência da República. Tais divergências podem resultar num cálculo bem pragmático: ruim com Quéricia, pior sem ele.

Ainda é cedo, portanto, para avaliações definitivas. Mas a moral da história é mais ou menos a seguinte: as elites não estão confortáveis com a alternativa Maluf, querem um candidato ao centro, mas para isso têm que afastar Quéricia. Mesmo que, para isso, tenham que travar publicamente uma guerra de lama. Que, diga-se, pode facilitar as coisas para quem não tem o que temer.

VALTER POMAR

Encontro Nacional vai esquentar o PT

Em junho, o PT decide o programa de governo e a política de alianças.

O 8º Encontro Nacional do PT vai se realizar de 11 a 13 de junho de 1993, no Centro de Convenções do Distrito Federal. Devem participar cerca de 500 delegados, eleitos pelos encontros estaduais, na seguinte base: 1 delegado a cada 1.500 filiados no estado, mais 1 delegado a cada 75 presentes no encontro estadual (ver previsão na tabela).

O 8º Encontro discutirá o momento político nacional, o projeto estratégico alternativo, o estatuto partidário e elegerá a nova Direção Nacional, que deve ser integrada por 75 membros eleitos pelo próprio Encontro, além do presidente do partido (eleito separadamente) e do líder da bancada federal; caso consigam realizar-se em cinco estados, com quórum, os encontros setoriais também

poderão eleger diretamente integrantes da Direção Nacional.

As pré-teses ao 8º Encontro Nacional - 200 linhas sobre momento político e 200 linhas sobre projeto estratégico alternativo - devem ser inscritas até o dia 3 de maio. O regimento aprovado pela Executiva Nacional prevê que estas pré-teses poderão ser fundidas até às vésperas do Encontro Nacional.

Cada uma das teses precisa da assinatura de 150 filiados, sendo que 80 distribuídos igualmente em quatro estados. Segundo Vítor Salazar - que,

juntamente com Gilberto Carvalho, Joaquim Soriano, Francisco Rocha e Luís Eduardo Greenhalgh, integra a coordenação do Encontro - espera-se a inscrição de pelo menos seis conjuntos de teses, vinculados aos seguintes setores do partido: Projeto para o Brasil, Articulação, Democracia Socialis-

ta, Na Luta PT e ao deputado federal Wladimir Palmeira. A novidade neste encontro deverá ser a apresentação de duas teses da Articulação.

Ainda não é possível determinar qual a correlação de forças entre as várias tendências do partido, que será perceptível a partir dos encontros estaduais, que devem se realizar em meados de maio. Mas já é possível precisar os principais pontos da discórdia entre as várias correntes partidárias: a tática eleitoral; o programa de governo; a política de alianças; o caráter do governo democrático-popular; e o balanço da ação do partido nos últimos meses. Ou seja, praticamente tudo, motivo pelo qual promete-se um Encontro Nacional bastante polêmico e tenso.

A COMPOSIÇÃO DO 8º ENCONTRO NACIONAL DO PT

ESTADO	Nº DE DELEGADOS	ESTADO	Nº DE DELEGADOS
AL	*	PE	*
AC	03	PI	06
AM	05	PR	22
AP	03	RJ	40
BA	31	RN	05
CE	05	RO	08
DF	06	RR	02
ES	11	RS	37
GO	13	SC	17
MA	*	SE	03
MG	54	SP	150
MT	04	TO	04
MS	04	DELEGADOS NATOS	19
PA	12		471
PB	07		

* SEM INFORMAÇÕES

VALTER POMAR

O plebiscito ocorrido no dia 25 de abril na Rússia levou a disputa política em curso no país para um patamar mais elevado. O presidente russo tem-se declarado o grande vitorioso do plebiscito e já o utiliza para pressionar o Parlamento no sentido de aprovar uma nova constituição "presidencialista" para o país. Mas o impasse que levou a sua convocação permanece, posto de forma mais politizada. Os dois lados reconheceram que o que está em jogo são alternativas de reforma econômica (ver entrevista abaixo).

Embora os resultados finais só saiam dia 5 de maio, as notícias divulgadas mostram um comparecimento expressivo de eleitores, cerca de 64% dos inscritos. As questões que foram submetidas à população tiveram as seguintes respostas, segundo os levantamentos do escritório da presidência:

- apóiam o presidente Boris Yeltsin: 59% dos votantes;
- apóiam suas reformas econômicas: 53% dos votantes;
- querem eleições antecipadas para a presidência: 31% dos eleitores;
- querem eleições antecipadas para o Parlamento: 43% dos eleitores.

Como as duas últimas questões são "matéria constitucional", a Corte Constitucional estabeleceu que elas só seriam válidas se tivessem a aprovação de mais de 50% do total de eleitores. Foram portanto derrotados

DISPUTA DOS RESULTADOS. Com a divulgação dos resultados do plebiscito, os vários atores presentes no cenário russo estão movimentando-se para difundir suas interpretações dos dados. Os neoliberais raivosos que apóiam Yeltsin estão sugerindo que ele "use a força para impor a ordem e a estabilidade", como afirmou o ministro das relações exteriores, Andrei Kozyrev. Já Yeltsin tem insistido na implantação, a partir da pressão das repúblicas, de uma nova Constituição (que legalmente terá que ser aprovada pelo próprio Parlamento). Os opositores do presidente insistem que o resultado apenas prolonga o impasse e que a solução está na alteração da política econômica. O presidente do Parlamento, Ruslan Khasbulatov, preferiu a discricção, deixando a poeira baixar.

Abaixo publicamos partes de uma longa entrevista de Boris Kagarlitsk concedida a João Machado e José Corrêa. Kagarlitsk é vereador da cidade de Moscou pelo Partido do Trabalho e membro da executiva nacional deste partido, um grupo socialista não-stalinista que realizará seu primeiro congresso nacional em setembro. É também assessor da direção nacional da Federação dos Sindicatos Russos e autor de vários livros, entre eles *A desintegração do monolito*, que está sendo lançado pela editora da UNESP. Kagarlitsk veio ao Brasil para participar do seminário "Liberalismo e Socialismo: velhos e novos paradigmas", organizado pela UNESP.

As agitações pós-plebiscito

Yeltsin venceu, mas o impasse sobre alternativas para reformas econômicas continua.



Yeltsin (à direita) acena com mais autonomia às repúblicas em troca de apoio

ENTREVISTA BORIS KAGARLITSK

A polca do russo doido

Yeltsin criou uma situação surrealista em que a Rússia virou carniça para os neoliberais

Qual é o pano de fundo do plebiscito do 25 de abril?

O problema de Yeltsin, neste momento, é que ele enfrenta uma oposição que unifica quase todas as forças políticas no país. Mas esta oposição não consegue construir os meios para afastá-lo do cargo. A imprensa ocidental apresenta a situação na Rússia como se existisse uma luta entre Yeltsin e os chamados "comunistas conservadores", retratando o Congresso dos Delegados do Povo como o Parlamento que foi eleito sob o regime comunista e que representa o passado.

O Parlamento que neste momento se opõe a Yeltsin é exatamente o Parlamento que o levou ao poder.

Esse é o Parlamento que foi eleito junto com Yeltsin em 1990, que elegeu Yeltsin o seu presidente (do Parlamento), que então - especialmente para

Yeltsin - criou a figura do presidente da Rússia. Esse é o Parlamento que aprovou a dissolução da União Soviética e os decretos e leis de privatização propostos por Yeltsin. Ele compartilha com Yeltsin a responsabilidade pelo que este tem causado à sociedade russa, à nossa economia.

Essa é a razão pela qual a posição do Parlamento, que é dominado por setores de direita e centro-direita, é na verdade extremamente frágil: os deputados sabem que, se tivermos novas eleições, a maioria deles não será reeleita.

Mas a aposta de Yeltsin não tem perspectiva. Ele não tem chance de vencer politicamente, porque sua base social está sendo corroída, porque forças que antes o apoiavam não o apóiam mais, porque as privatizações se revelaram um desastre. Os gerentes das empre-

sas, que antes apoiavam Yeltsin, porque esperavam se transformar em donos das empresas, hoje dizem que se ele ficar no poder por mais oito meses, ou seja, até o próximo inverno, provavelmente nenhuma economia terá sobrevivido no país, nada será produzido. Os sistemas de energia e transporte vão se desintegrar, se as políticas econômicas do governo não mudarem dramaticamente e se o governo não parar seus ataques contra as empresas do setor público. As privatizações criaram um completo caos na economia, destruíram o sistema de responsabilidade gerencial, e a lucratividade das empresas privatizadas entrou em colapso em comparação com as empresas do setor público. As privatizações na Rússia estão associadas a declínio de desempenho e de eficiência, porque os novos proprietários são completamente irresponsáveis e incompetentes.

Este movimento expressa-se no Parlamento. A maioria dos deputados já compreende que precisamos nos livrar de Yeltsin, de algum jeito. Eles têm, porém, medo de fazer algo radical, porque sabem que se Yeltsin for destituído o Parla-

mento também deverá ser destituído e teremos novas eleições.

Qual é o setor social dominante hoje na União Soviética? Há uma alteração qualitativa na dominação das camadas burocráticas?

O que acontece hoje na União Soviética é um experimento interessante sobre a possibilidade de desenvolvimento burguês sem nenhuma burguesia constituída. Em nosso caso, há certos grupos de empresários, mas muitos deles, tecnicamente, pertencem à burocracia. É gente que continua no governo

e ao mesmo tempo são os maiores proprietários de riqueza no país. Nesse sentido, não há distinção entre burguesia e burocracia, continuam sendo o mesmo setor. No plano individual, são as mesmas pessoas.

Há situações engraçadas, como o caso do atual prefeito de Moscou, Liouchkov. Ele era

o presidente da maior imobiliária da cidade - um grupo que privatizou algumas estruturas públicas em Moscou e criou uma empresa para especular com bens imóveis. Foi, nesse período, eleito vice-prefeito e agora ele é prefeito. Deixou o cargo de presidente da empresa, mas ainda a controla de um modo bastante obscuro. Quando ele se tornou prefeito, trocava cartas consigo mesmo: "Prezado Liouchkov, você aceitaria que nossa companhia comprasse este determinado preço mínimo?"; "Prezado Liouchkov, eu concordo integralmente...".

Esse é o caso mais impressionante. Em geral elas têm as esposas ou amigos próximos do políticos como dirigentes. Mas essa companhia é controlada por gente no governo que está simplesmente roubando dinheiro público, e centenas de modos de roubar dinheiro público são chamados de privatização.

O parlamento que se opõe a Yeltsin é o mesmo que o levou ao poder

Centenas de modos de roubar dinheiro público são chamados de privatização

blico são chamados de privatização.

Na Rússia, a privatização não é nada mais do que roubo de dinheiro público. Todo mundo sabe que isso não tem nada a ver com eficiência econômica ou com desempenho de mercado, que estas privatizações conduzem apenas a catástrofes econômicas, não apenas no nível macroeconômico, mas também no nível microeconômico, no nível de cada empresa ou unidade, que são realmente deterioradas, destruídas. Compram-se as empresas e simplesmente pára-se de produzir bens de alta tecnologia e começa-se a produzir qualquer entulho que possa ser vendido no mercado; mas em seguida os novos donos já não fazem nem mesmo isso e começam a vender os equipamentos na forma de metal, porque isso permite que eles enriqueçam mais rápido.

Nós não temos nenhuma burguesia nacional, nós temos assaltantes, burocratas corruptos, máfias, representantes de empresas ocidentais, que ajudam essas empresas a remeter dinheiro para fora da Rússia. Antes do início das reformas na Rússia, em 1991, em Viena, na Áustria, havia 6 Rolls-Royces registrados na cidade. Ao final de 1992, havia 12 Rolls-Royces. Todos os seis carros novos pertencem a russos. Isso mostra que para alguns as reformas dão certo.

O colapso do neoliberalismo no Leste Europeu está muito associado ao contexto social desse experimento. Não há nenhuma classe dominante consolidada; apenas algumas gangues em torno de interesses privados que tentam obter tanta propriedade quanto possível, o mais rápido possível.

Há alguns setores da velha burocracia que estão contra a nova situação, que têm um projeto diferente?

Há dois setores da burocracia na oposição. Em primeiro lugar, há aqueles que não podem lucrar com as privatizações. Você pode roubar algo que você administra, mas imagine, por exemplo, que você é diretor do Centro de Marxismo-Leninismo. Nesse caso você pode, é claro, privatizar o prédio - e isso acontece -, mas o que você faz se o prédio já foi privatizado pelo seu chefe? Então a única coisa que você pode privatizar são as obras completas de Brejnev. Nesse caso você se radicaliza e vai para a oposição. Isso não é uma anedota, porque muita gente que foi para a oposição comunista mais dura é gente que trabalhava nos Departamentos de Marxismo-Leninismo.

Esse movimento na comunidade acadêmica não é ideológico. A maioria das pessoas que ensinavam comunismo científico agora ensina liberalismo. Tínhamos cursos de ateísmo nas universidades, e agora temos cursos de religião, com os mesmos professores. A Igre-

ja Ortodoxa Russa insiste em que eles sejam batizados antes de começar a ensinar, mas eles dizem que há falta de professores, e então mesmo sem batismo eles vão e ensinam. Isso mostra a que ponto chegou o absurdo na nossa sociedade. Esse é um setor.

Mas há um segundo setor, mais sério, da burocracia econômica. Gente como Arcady Volsky, que foi por muito tempo funcionário do Partido Comunista, cuidando da indústria. No começo, foram muito favoráveis às reformas, exatamente porque ambicionavam a propriedade privada. Então, de um lado, descobriram que os bens eram apropriados não por eles, mas principalmente por outros setores da burocracia. De outro lado, estes administradores da indústria perceberam que sob o novo projeto neoliberal, sob o proje-

ta. O projeto neoliberal, ironicamente, produziu o surgimento de movimentos, pressões e tendências sociais opostas. Uma pida popular russa diz que Yeltsin em um ano e meio conseguiu o que os comunistas não conseguiram em setenta e dois

Os professores do ateísmo agora ensinam religião

ta. O projeto neoliberal, ironicamente, produziu o surgimento de movimentos, pressões e tendências sociais opostas. Uma pida popular russa diz que Yeltsin em um ano e meio conseguiu o que os comunistas não conseguiram em setenta e dois

ta. O projeto neoliberal, ironicamente, produziu o surgimento de movimentos, pressões e tendências sociais opostas. Uma pida popular russa diz que Yeltsin em um ano e meio conseguiu o que os comunistas não conseguiram em setenta e dois



BEI PEDINOSA/FOLHA IMAGEM

to do FMI, não há espaço para nenhum tipo de desenvolvimento industrial na Rússia. O que o FMI quer da Rússia é matéria-prima, recursos, energia. Nesse quadro, esses setores foram crescentemente distanciando-se do governo, e cada vez mais se colocaram em oposição ao projeto neoliberal. Isso muda gradualmente sua posição

sobre as privatizações e sua posição internacional. Eles representam o núcleo central da oposição parlamentar, organizando-se sob a bandeira da União Cívica, que é uma coalizão política de centro-direita e com alguns elementos de centro-esquerda.

A tendência geral é de que a sociedade, incluindo esses setores da tecnocracia e burocracia, mova-se para a esquerda. As pesquisas mostram que as pessoas que rem determinadas mudanças, querem garantias sociais e, o que é interessante, insistem na propriedade estatal

anos: fazer o comunismo parecer bom.

Qual é a situação dos movimentos sociais na Rússia? Todos os jornais e autores falam de uma passividade total das massas.

Isso é infelizmente verdade. As pessoas foram enganadas, iludidas e desmoralizadas tantas vezes, e com tanto sucesso, por diferentes políticos e governos, que isso gerou uma enorme desmoralização das massas na Rússia. Houve um vertiginoso crescimento do envolvimento popular na esfera pública e depois tudo

entrou em colapso - em função do sucesso dos neoliberais em retirar o processo de reformas das mãos do povo. Eles conseguiram fragmentar e isolar as forças populares e assim derrotaram, pelo menos taticamente, todos os movimentos populares, que simplesmente se desintegraram.

Yeltsin conseguiu o que os comunistas não conseguiram: fazer comunismo parecer bom.

Este é um tremendo problema para a esquerda, porque a única forma dela ter mais peso na sociedade é através da participação das massas na política. Sem movimentos de massa, todos os ganhos que podemos ter são muito instáveis. Mas penso que essa situação é apenas temporária. Com a evolução do quadro, haverá mudanças, permitindo às pessoas se tornarem mais ativas, mais participantes na política.

Isso pode ser estimulado pela formação deste amplo bloco de forças contra Yeltsin. Se nós tivermos eleições, o mais provável é que a União Cívica seja vitoriosa. Mas a própria União Cívica não é homogênea, tem setores mais à esquerda e mais à direita. E vai enfrentar problemas muito sérios e cada vez mais graves, uma pressão objetiva crescente para tomar decisões radicais, rompendo com o neoliberalismo e implementando algum tipo de keynesianismo radical, fazendo do setor público sua prioridade número um, fazendo investimento público.

Na União Cívica, a maioria sabe que não pode governar a sociedade sem a esquerda. Eles não podem gerir a economia sem alguma concordância dos sindicatos. A única forma de derrotar a inflação, teoricamente, é congelar salários, mas os sindicatos jamais aceitarão congelamento de salários a não ser que três condições sejam preenchidas. Em primeiro lugar, o congelamento de salários tem que estar conectado com congelamento de preços. Depois, que não haja nenhum congelamento de salários sem reestruturação dos salários, porque há setores que se desenvolveram e outros que estão completamente quebrados. Finalmente, terão que ocorrer negociações e acordos em diferentes níveis. Não apenas no nível do governo e da cúpula das direções dos sindicatos, mas também no nível dos governos locais, por ramos da indústria, em determinadas indústrias. Isso precisa ser estabelecido no funcionamento do sistema, não apenas uma vez, mas que a cada dois ou três meses haja negociação. As negociações sobre a alocação dos recursos públicos exigem um acordo organizado. Chamamos isso de "gestão coordenada" no setor público. Significa que os sindicatos e comitês de trabalhadores têm que ter voz, têm que participar na tomada de decisões. Um governo da União Cívica terá que dialogar e negociar com a esquerda. Esta visão é basicamente a posição oficial da direção dos sindicatos.

Há uma alteração importante nos sindicatos, porque a esquerda obteve aí ganhos muito expressivos e isso agora está produzindo frutos. É muito bom que os velhos sindicatos tenham sobrevivido, porque finalmente conseguimos mudar suas direções, e como alguns deles eram dirigidos por bons burocratas, nós temos agora muitos filiados. Esta combinação muito interessante de elementos novos e velhos dentro do sindicato está funcionando. Hoje eles estão ganhando força e importância pública; o governo cada vez tem mais medo dos sindicatos. Os sindicatos serão um instrumento de pressão importante sobre uma eventual novo governo.

SEM PORTEIRA

JOSÉ CORRÊA

CRISE NA ALEMANHA. Há hoje entre seis e oito milhões de pobres, conforme os critérios, na Alemanha unificada (não há estudos mais consensuais porque o governo federal recusa-se a produzir um relatório sobre a pobreza). Segundo o jornal *Die Woche*, de Berlin, destes, quatro milhões são desempregados. Há ainda 150 mil pessoas que dormem nas ruas, 800 mil que vivem em alojamentos precários e um milhão correndo o risco de perder suas casas. Embora mais da metade dos empregos da ex-RDA tenha sido eliminada, a pobreza atinge também a população da ex-RFA. E o governo prevê uma retração de 1,3% no PIB este ano.

KEYNESIANISMO JAPONÊS.

Enquanto isso, o governo japonês, pouco afeito às práticas neoliberais, lançou um ambicioso pacote de investimentos públicos, no valor de 117 bilhões de dólares, com o objetivo de dobrar a taxa de crescimento anual, permitindo que o PIB cresça 3,3%. 94 bilhões de dólares do plano anti-recessivo serão aplicados em grandes obras públicas geradoras de empregos, como infra-estrutura de transportes, saúde, educação e habitação.

PROTESTO DOS HOMOSSEXUAIS.

A marcha dos homossexuais sobre Washington foi a maior manifestação já realizada na capital dos EUA, envolvendo mais de um milhão de pessoas, segundo a imprensa. O eixo da mobilização foi a defesa dos direitos civis dos homossexuais. O ascenso de lutas dos gays e lésbicas marca o fim do período difícil que o movimento conheceu nos anos de reação dos governos Reagan e Bush. Entre as reivindicações dos manifestantes, mais verbas do governo para a luta contra a AIDS, a validação legal dos casamentos entre homossexuais, a punição para os atos de violência e discriminação que sofrem e seu reconhecimento nas Forças Armadas.

ANDREOTTI E OS MAFIOSOS.

Na onda de investigações sobre as ligações dos políticos italianos com a Máfia, o alvo mais importante é o senador vitalício Giulio Andreotti, da Democracia Cristã, o mais importante político italiano da atualidade. Uma comissão do Senado recomendou que este retire as imunidades parlamentares de Andreotti a fim de que ele responda às acusações que lhe são feitas pela Justiça de Palermo. As acusações de três mafiosos de alto escalão, entre eles Tommaso Buscetta, é que nenhum assassinato político na Itália desde 1978 foi feito sem o conhecimento prévio de Andreotti.

MARACUTAIA ESPANHOLA.

Com a convocação de novas eleições parlamentares para junho, a Justiça espanhola suspendeu a apuração das denúncias envolvendo o financiamento ilegal do PSOE, do primeiro-ministro Felipe Gonzalez, o caso Filesa. O juiz instrutor do processo disse que não pode prosseguir os trabalhos, "feitos no âmbito de um plenário que já deixou de existir".

Os dinossauros estão de volta

Sinônimo de coisa ultrapassada, que parecia não ter mais condições de voltar, como alguns pensam ser a situação da esquerda revolucionária, os dinossauros regressam à cena. Mais interessantes do que qualquer integrante de um lar de classe média norte-americana, os membros da Família Dinossauro são astros da televisão. Mas, capas das mais variadas revistas - da *Times* à *National Geographic* -, personagens de livros, os dinossauros são personagens da moda. E seu momento de maior popularidade ainda está para vir. Em junho será o lançamento mundial do último filme de Steven Spielberg, *Parque Jurássico*, baseado no livro de Michael Crichton (ver *box*).

Esta popularidade é, em parte, resultado de bem orquestradas iniciativas de marketing, que ajudam a explicar a crescente curiosidade infantil sobre estes seres. O filme de Spielberg, por exemplo, está sendo divulgado por uma das mais caras campanhas promocionais da história do cinema, que vai deixar no chinelo a do Batman. Essa campanha será o pivô do lançamento de milhares de produtos envolvendo o motivo "dinossauro", de canetas a camisetas, de chaveiros a brinquedos. Como outros fenômenos de marketing e da indústria cultural que se apropriam de fantasmas do inconsciente - por exemplo, os OVNI que simbolizavam a "ameaça comunista" no período da Guerra Fria ou os vampiros - os misteriosos dinossauros possibilitam uma leitura criativa de variados aspectos do mundo contemporâneo.

OS MONSTROS SANGUINÁRIOS. A mania dos dinossauros pôde desenvolver-se a partir do recente e vertiginoso crescimento dos nossos conhecimentos sobre os seres que dominaram o planeta por 150 milhões de anos. A partir do momento em que foram batizados de "teríveis lagartos", pelo inglês Richard Owen, em 1841, os ossos e pegadas destes animais fixaram-se no imaginário popular como resquícios de seres primitivos, caçadores sanguinários, de sangue frio e cérebro pequeno, que foram superados pelos espertos mamíferos de sangue quente no processo evolucionário. Monstros como o tiranossauro ofereceram o modelo do terrível Godzilla japonês dos anos 60 que, desperto pelas bombas atômicas, tantas vezes destruiu Tóquio (até que ficou bonzinho e passou a defender a Terra contra os alienígenas que nos atacavam). Quando astronautas terrestres chegavam a um planeta primitivo, a marca da selvageria era justamente lá encontrarem... os gigantescos dinossauros.



Ex-exemplos de um passado remoto e indesejável, eles estão de novo no imaginário, muito populares.

O primeiro dado que começou a transformar esta imagem surgiu na discussão sobre a razão da extinção dos dinossauros. Luis e Walter Alvarez sugeriram, na virada para a década de 80, que o fim dos dinossauros devia-se, não a gradativas mudanças climáticas que teriam eliminado a vegetação que alimentava os dinossauros herbívoros, conforme a teoria até então dominante, mas às consequências de um impacto, há 65 milhões de anos, de um cometa ou um asteroide contra a Terra. A poeira provocada pelo choque teria encoberto o planeta por vários meses, impedindo a luz solar de atingir a superfície e provocado extinções em massa. Esta teoria - base também para a discussão sobre o "inverno nuclear" - vem sendo reforçada por uma série de descobertas, a última delas a

da cratera de um astro que se chocou há 65 milhões de anos contra o que é hoje a costa de Yucatan. A extinção dos dinossauros não resultaria de sua superação pelos mamíferos, mas de uma catástrofe cósmica, semelhante àquela que pode abater sobre a humanidade no caso de uma guerra total.

NOVA IMAGEM. Hoje, novas evidências, como a descoberta de uma enorme ossada de dez mil dinossauros, em Montana, nos EUA, permitem chegar a todo um conjunto de conclusões bastante diferentes do passado. Os cientistas descobriram que os dinossauros eram seres basicamente gregários, que cooperavam uns com os outros, seja na vida em manada para a proteção contra predadores, seja na caça em pequenos grupos. Eles eram muito mais inteligentes do que

os répteis da atualidade, cujo QI equivale a 20 (especula-se que os dinossauros chegavam a 50). Certos dinossauros herbívoros agrupavam-se em gigantescas manadas que migravam anualmente e socializavam os cuidados com suas crias. Estes dinossauros ocuparam todos os nichos ecológicos do planeta, inclusive as regiões frias, reforçando a idéia de que os dinossauros eram animais de sangue quente. E descobriu-se que os dinossauros não podem ser considerados extintos: foi encontrado no Deserto de Gobi o esqueleto de um dinossauro do tamanho de um peru que tem muitas das características das aves, reforçando a teoria de que os pássaros são um ramo da família dos dinossauros.

Temos assim a construção de uma nova imagem dos seres que antecederam os humanos no domínio da Terra: os dinossauros eram animais relativamente complexos e eficientes, em nada ultrapassados pela evolução, que dominaram o planeta por um tempo milhares de vezes maior que os pequenos bípedes da espécie *homo sapiens*.

LUGAR NO IMAGINÁRIO. Mas a expansão dos conhecimentos científicos sobre como nasceram, viveram e morreram os dinossauros não explica sua popularidade atual. Outros motivos devem ser agregados, ligados às necessidades subjetivas mais profundas dos indivíduos, talvez as mesmas que estão por trás da atual onda esotérica. Nada mais natural que a descrença na possibilidade de construir um mundo melhor reforce "a fuga para o interior", o retorno a um passado idílico ou a escapada para um futuro *noir* feito da sucata do presente. Se a dinossauro-mania - a de Crichton e Spielberg, não a de Godzilla - não existisse, precisaria ser inventada, porque ela é a tradução mais que perfeita da



UMA BOMBA PRONTA PARA EXPLODIR

"O final do século 20 testemunhou uma corrida do ouro científica de proporções assombrosas: a fúria delirante e desesperada para comercializar produtos da engenharia genética. A biotecnologia acena com a maior revolução na história da humanidade. A comercialização da biologia molecular é o caso ético mais assombroso da história da ciência. Há poucos biólogos moleculares e pouquíssimas instituições de pesquisa sem ligações comerciais. A pesquisa genética prossegue, em um ritmo mais alucinado do que nunca. Mas é feita em segredo, às pressas, em função do lucro."

Este é o pano de fundo de *O Parque dos Dinossauros*, de Michael Crichton (Ed. Best Seller, 4ª ed., 473 p), que nos Estados Unidos chegou ao primeiro lugar na lista dos mais vendidos do *The New York Times*. A história se passa em dois dias de agosto de 1989, em Isla Nubar, uma pequena ilha da Costa Rica, onde a Internacional Genetic Technologies Inc. está prestes a inaugurar um empreendimento fantástico: um parque turístico onde as atrações são dinossauros, recriados pela mais sofisticada engenharia genética.

Os financiadores do empreendimento resolvem fazer uma inspeção antes da inauguração do parque, e levam para lá os consultores do projeto, entre eles Alan Grant, um paleontólogo, Ian Malcolm, um matemático especialista na teoria do caos, e Dennis Nedry, especialista em computadores envolvido numa perigosa operação de espionagem industrial.

Com estes elementos, Crichton produz uma ficção científica imperdível, tanto por aqueles que querem só distração, quanto para quem quer - na boa tradição de Arthur Clarke, Ray Bradbury, Isaac Assimov - refletir sobre os paradoxos do presente: quando está parecendo que, como diz um dos personagens do livro, "nenhum de nós vai a lugar algum".

VALTER POMAR



sensação de que esse mundo louco em que vivemos não vai terminar bem; e que nada podemos fazer para impedir isso. Afinal, os dinossauros - que as descobertas revelam ter sido muito mais "humanos" do que se pensava - desapareceram não pelo que fizeram ou deixaram de fazer, mas sim esmagados por forças fora de qualquer controle. Um fim melancólico, impotência de gigantes, um abismo que fascina fortemente quem está a sua beira.

JOSÉ CORRÊA

EXTRA: QUERIA RENUNCIAR A PRESIDÊNCIA DO PMDB!

RENUNCIAR ELLES RENUNCIAM, MAS CADEIA QUE É BOM...!



BRASIL AGORA

O VIOLA DANÇA E REBOLA, PALHINHA BEIJA O RAI, TUDO BEM, O FUTEBOL ANDA ALEGRE E DESCONTRAÍDO, MAS NÃO VAMOS ESQUECER A CAMISINHA, HEIN!

